

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

VIDAS EM DESALINHO

JULIA BARBOZA GAMBETTA

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lívia do Nascimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Subjetividade, Política e Exclusão Social

NITEROI 2014

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

G189 Gambetta, Julia Barboza.

Vidas em desalinho / Julia Barboza Gambetta. – 2013.
98 f.

Orientador: Maria Lívia do Nascimento.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2013.

Bibliografia: f. 94-95.

1. Estado. 2. Violência. 3. Subjetividade. I. Nascimento, Maria Lívia do. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 158

Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar aos meus avós Carmen e Plínio, que me mostraram a potência da clandestinidade e da vida em desalinho como uma forma de vida mais alegre.

Quero agradecer também a meus pais e irmãos, por me ensinarem que, frente a tanta violência, o amor e a compreensão podem nos salvar.

A Débora Murta Braga por ter me convidado ao Sudeste e por ter me apresentado esse Brasil e por tudo o que vivemos juntas.

Aos meus amigos amados, que me ajudaram a estar hoje no Rio, Marconi Moura Fernandes, mineirinho querido, irmão de todas as horas. A Débora Alves Elias, amiga da alma e de longas conversas, de papo sossegado, de delicadezas infindas. A César e Erickson, casal maravilhoso de amigos, de longas conversas e vinhos deliciosos, que me acompanharam muito neste caminho de vida. Ao querido professor e xamã Jorge Bichuetti que, com sua pajelança me ajudou a navegar com os ventos a favor rumo ao Rio de Janeiro.

A Laura Ferreira carioca que encontrei em Belo Horizonte e que me acompanhou nesta caminhada. As minhas amigas angolanas, Sandrinha e Keta, irmãs queridas, que carinhosamente me receberam no Rio de Janeiro. A Maria Aparecida, amiga querida de Niteroi. Ao Jefté, meu amigo de muitos papos e trocas na pracinha da Cantareira.

Aos meus amigos-irmãos do grupo de pesquisa e esquizodrama Anômalos, com quem compartilhamos a vida, o caminho, pelas partilhas que temos e ainda estão por vir.

Quero agradecer aos amigos nordestinos que conheci na Uff, pela alegria e pelo amor. Evoé queridos!

Ao Gregório Baremlitt, por me mostrar o lado obsoleto das coisas.

A Maria Lívia, orientadora querida, obrigada por ter confiado em mim e por topar me acompanhar neste caminho que por momentos não foi fácil.

Especialmente agradeço à professora Heliana Conde, por ter me apresentado a Uff e por confiar em mim, por todas as trocas e os momentos compartilhados. Se hoje estou no Rio concluindo mestrado é em parte por ela.

A Cecília Coimbra, professora querida, que me fez sentir em casa nesta cidade por momentos difícil de se viver, pela sua solidariedade, generosidade e pelo imenso carinho, gratidão.

Ao grupo Tortura Nunca Mais RJ, pelas conversas, pelas lembranças e pelo amor.

Aos colegas do grupo de orientação e em especial a minha amiga Roberta, muitíssimo obrigada, por tudo. Roberta querida obrigada pela companhia.

Potência de amar

À minha vontade abjeta de ser amado, substituirei uma potência de amar: não uma vontade absurda de amar qualquer um, qualquer coisa, não se identificar com o universo, mas extrair o puro acontecimento que me une àqueles que amo, e que não me esperam mais do que eu a eles, já que só o acontecimento nos espera, *Eventum tantum*. Fazer um acontecimento, por menor que seja, a coisa mais delicada do mundo, o contrário de fazer um drama, ou de fazer uma história. Amar os que são assim: quando entram em um lugar, não são pessoas, caracteres ou sujeitos, é uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma população discreta, uma bruma ou névoa.

Tudo mudou na verdade. Gilles Deleuze - Diálogos (Deleuze e Parnet)

Resumo

Este trabalho tenta visibilizar algumas práticas de violência que o Estado exerce sobre determinados grupos. Busca mostrar a atuação do aparelho repressor que produz, identifica e persegue determinados grupos da população. Utilizarei dois analisadores, uma história de vida na ditadura militar uruguaia (1973-1985) e uma experiência de trabalho com uma adolescente transexual em medidas socioeducativas (2008)

Palavras chaves: **Violência de Estado. Teoria Queer. Produção de subjetividade.**

Resumen

Este trabajo intenta visibilizar, determinadas prácticas de violencia que el Estado ejerce sobre algunos grupos. Busca mostrar como el aparato represor identifica, produce y persigue determinados grupos de la población. Para ello utilizaré dos analizadores, dictadura militar uruguaya (1973-1985) y una experiencia de trabajo en Uruguay con una adolescente transexual en medida socioeducativa. (2008).

Palabras claves: **Violencia de Estado. Teoría Queer, Producción de subjetividad.**

Sumário

Alguns esclarecimentos	09
Apresentação	10

Introdução

1. Outra voz canta	12
2. Encontros e despedidas	16

Estação I - Corpos

1. Biopolítica e processos de subjetivação	23
2. Corpos Híbridos	31

Estação II - Estado

1. Aparelho de captura	37
2. Máquinas de Tristeza: Colônia Berro e Centro la Estación	50

Estação III - Linhas

1. Rostos e Rastros	79
2. Política da Existência	83

Considerações Finais	90
-----------------------------------	-----------

Referências Bibliográficas	94
---	-----------

Alguns esclarecimentos

Tomo emprestado o nome estações para transmitir o lugar de onde este trabalho surge, clandestinos nas estações, lugares de passagem, de fronteiras, encontros e despedidas. Estação de trem desativada, onde posteriormente trabalhei.

E terra de onde escrevo e não vejo o mar, a querida Minas. Lugar que acolhe viajantes que por aqui passam, em ruas floridas, nas conversas sossegadas.

Caminhando pelas ruas de Belo Horizonte, em uma dessas conversas anônimas, alguém me contou que, no ano de 1966, o governo militar mandou desativar a estrada de ferro que ligava Minas ao mar. E para isso ser lembrado, Milton Nascimento compôs a canção Ponta de Areia.

Das coisas anteriormente colocadas é que surge meu desejo de fazer dos capítulos, estações, por onde transitei e transito na vida e nesta dissertação.

Ponta de areia ponto final

Da Bahia-Minas estrada natural

Que ligava Minas ao porto ao mar

Caminho de ferro mandaram arrancar

Velho maquinista com seu boné

Lembra o povo alegre que vinha cortejar

Maria fumaça não canta mais

Para moças flores janelas e quintais

Na praça vazia um grito um ai

Casas esquecidas viúvas nos portais.

O texto tem algumas frases ou expressões em espanhol, e optei por colocar as traduções no final do trabalho, todas juntas. São identificadas com letras minúsculas, entre parêntesis e a tradução é livre. As pequenas citações funcionaram como linhas de fuga do texto mesmo, e estarão ao pé-de-página, as outras serão fluxos.

Apresentação

O presente trabalho tem por objetivo traçar uma cartografia que mapeie práticas do Estado sobre determinados grupos da população, criando desta maneira “grupos-alvo” do controle estatal e exercendo assim violência sobre os corpos e a vida dos sujeitos e grupos em questão.

Para isto, utilizaremos autores como Foucault que, ao longo da década de 1970, estudará um conjunto de tecnologias de poder que se disseminaram na cultura ocidental a partir de fins do século XVI. Essas diversas tecnologias têm como alvo um investimento minucioso e detalhado sobre o corpo dos indivíduos e das populações, decorrentes das relações de poder e suas articulações com determinados saberes sobre o homem.

O estudo sobre os exercícios de poder sobre o corpo foi desenvolvido primeiramente em *Vigiar e Punir* (1975). Nesse livro, Foucault examina o aparecimento e o funcionamento do poder disciplinar, assim como no primeiro volume de *História da Sexualidade*. Em *A Vontade de Saber* (1976), também empregará o conceito de biopoder e o desenvolve no último capítulo, intitulado *Direito de morte e poder sobre a vida*.

Tomaremos como ponto de partida as análises desenvolvidas por Foucault nesse capítulo para introduzir os conceitos de biopoder e de biopolítica. A noção de biopolítica aparece em Foucault pela primeira vez em “O nascimento da medicina social”, conferência proferida no Rio de Janeiro, publicada em *Microfísica do Poder*. Encontra-se formulada de modo mais articulado no último capítulo de “A vontade de saber” e de maneira mais extensa em seus cursos *Em defesa da sociedade*, *Segurança, território e população* e *Nascimento da biopolítica*. (Nascimento 2012, p 45)

É por meio da investigação genealógica que Foucault detecta, a partir do século XVIII, o aparecimento de dispositivos de poder e de saber que levam em consideração os processos de vida para poder controlá-los e modificá-los.

O presente trabalho busca traçar um paralelismo entre grupos perseguidos em diferentes contextos históricos, tomando por referência, principalmente, dois momentos: da ditadura militar no Uruguai e a atualidade. Duas situações analisadoras conduzirão o trabalho: adolescentes trans em conflito com a lei, a partir de uma experiência de trabalho por mim realizada no Uruguai, mais especificamente no Instituto del Adolescente Uruguayo (INAU), e minha experiência de vida durante a ditadura militar uruguaia.

A ideia é visibilizar a marca impressa pela violência que o Estado exerce sobre nossos corpos e nossas vidas e também como as tecnologias de violência se sofisticaram, mantendo-se de todas as formas vigente. Trabalharemos com autores como Gloria Anzaldúa, dialogando com Foucault sobre o tema do disciplinamento dos corpos e a proposta desta autora de viver “na fronteira”, proposta que busca escapar de capturas do tipo definição sexual. Também utilizaremos textos de Beatriz Preciado para pensar sobre isto.

No caminho aberto por Foucault, outros pensadores como Deleuze e Guattari apontam em seus trabalhos para o nexos existente entre capital, processos de subjetivação e a vida. Suas teorias redefinem, deslocam e ampliam de maneira criativa os conceitos foucaultianos de biopoder e biopolítica, sobretudo nos livros *O Antiédipo* e *Mil Platôs*.

Introdução

Otra voz canta ¹

Por detrás de mi voz
– escucha, escucha –
otra voz canta.
Viene de atrás, de lejos;
viene de sepultadas
bocas, y canta.
Dicen que no están muertos
– escúchalos, escucha –
mientras se alza la voz
que los recuerda y canta.
Escucha, escucha;
otra voz canta.
Dicen que ahora viven
en tu mirada.
Sostenlos con tus ojos,
con tus palabras;
sostenlos con tu vida
que no se pierdan,
que no se caigan.
Escucha, escucha;
otra voz canta.
No son sólo memoria,
son vida abierta,
continua y ancha;
son camino que empieza.
Cantan conmigo,
conmigo cantan.
Dicen que no están muertos;
escúchalos, escucha,
mientras se alza la voz
que los recuerda y canta.
Cantan conmigo,
conmigo cantan.
No son sólo memoria,
son vida abierta,
son camino que empieza
y que nos llama.
Cantan conmigo,

conmigo canta

¹ Poema escrito por Circe Maia e musicalizado por Daniel Viglietti. Circe Maia, escritora e poetisa uruguaia radicada em Tacuarembó, na década de 1970 foi vítima da repressão militar. Daniel Viglietti, músico uruguayo, preso em 1972 pela repressão militar. A campanha pela sua libertação no exterior foi encabeçada por nomes como J.P Sartre, Julio Cortázar e Oscar Niemeyer. Em 1973 começará seu exílio na Argentina, e posteriormente na França, onde viveu durante 11 anos.

O interesse pela abordagem da investigação nasce de um olhar sensível, a partir da experiência laboral em diferentes contextos, com jovens e suas famílias. Essas experiências se deram especialmente no Uruguai, por meio da atuação como psicóloga e pesquisadora em instituições como o INAU (Instituto del Niño y del Adolescente Uruguay), em projetos no Ministério de Desenvolvimento Social e também locais como, na prefeitura da cidade de Maldonado, Uruguai. No Brasil, também atuei em projetos sociais com adolescentes e projetos de reforma psiquiátrica em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, respectivamente.

Ao longo da minha própria história de trabalho na psicologia, deparei-me com situações muito complexas, que me mobilizaram e moveram no sentido de criar e me reinventar cotidianamente.

Em 2008, trabalhava no Inau, em um centro de medidas socioeducativas não privativas da liberdade, em Maldonado, departamento que se situa ao leste de Uruguai, no meio de duas realidades sócioeconômicas muito diferentes - por um lado, Punta del Este, balneário onde veraneiam magnatas, e do outro San Carlos, bairro de trabalhadores.

Nesse universo de vidas em trânsito do qual eu mesma fazia parte, assim como tantos outros psicólogos que atuavam no Inau, encontrei-me com Alejandra, uma adolescente trans de 14 anos que ingressou na instituição e a quem me coube acompanhar por um período de seis meses, a princípio.

Esse trecho de território é conhecido por ser um local onde acontecem os fatos mais violentos no Uruguai e não é difícil saber por quê. Punta del Este é um lugar de estrangeiros, muitos deles europeus que tem casas luxuosas e veraneiam em um balneário “paradisiaco onde se desfruta de uma tranquilidade única” - com essa frase, os nossos governos promovem e vendem o lugar por preços inimagináveis.

No verão, Punta del Este é monitorada 24 horas por dia. Ali, o acesso é restrito e pessoas cujas estéticas estão associadas a determinados setores da população, não entram. Poderíamos dizer que as praias do balneário são fechadas para receberem apenas grupos de turistas estrangeiros ou ainda uruguaios com dinheiro.

No extremo literalmente oposto - geográfica e economicamente -, está San Carlos. Bairro que surge à partir da iniciativa de um prefeito, para realocar os trabalhadores da construção civil e suas famílias que, ainda nos dias de hoje, viajam de todas partes do país para trabalhar em Punta del Este. Em geral, os homens trabalham na construção civil e suas mulheres, como diaristas e babás durante a alta temporada. O bairro aloja também uma enorme massa de desempregados. Quando a obra acaba o trabalho acaba também, com sorte, conseguem trabalho em outras construtoras ou ficam desempregados.

A arquitetura de San Carlos é típica das cidades interioranas, com casas e edifícios baixos. Ali, as noites transcorrem alegres, animadas por ritmos musicais populares como a cumbia, murga e candombe. As meninas dançam nas ruas ligeiras de roupas sob os olhares atentos dos meninos, agazapados pelas suas ânsias de abordagem.

San Carlos lembra o poema de Joan Manuel Serrat:

“Colgado de un barranco
duerme mi pueblo blanco
bajo un cielo que, a fuerza
de no ver nunca el mar,
se olvidó de llorar.
Por sus callejas de polvo y piedra
por no pasar, ni pasó la guerra.
Sólo el olvido...

Ellas sueñan con él,
y él con irse muy lejos
de su pueblo. Y los viejos
sueñan morirse en paz,
y morir por morir,
quieren morirse al sol.

La boca abierta al calor, como lagartos.
Medio ocultos tras un sombrero de esparto,

...donde no crece una flor
ni trashuma un pastor.” (a)

Em uma representação mais poética, Maldonado bailaria tango, já San Carlos dançaria ao som dos meneios da milonga, sua irmã puta, como se costuma dizer. Nesse sentido, Punta del Este é a milonguera remixada em inglês, a puta cara, a cortesã para estrangeiros sedentos de coisas proibidas que percorrem os cantos labirínticos de uma cidadezinha inebriada/modorrenta milongueada, perdida em um barranco a poucos quilômetros do mar (San Carlos).

Instalado em uma estação de trem desativada e cedida pelo poder público funcionava La Estación, o centro de referência onde eu trabalhava em Maldonado. O lugar era bonito, com salas iluminadas, corredores amplos que permitiam a todos transitarem comodamente e espaços que evocavam memórias de encontros e despedidas. Um local de passagem, sem dúvida, em cujas paredes ainda pareciam ecoar o barulho dos trens, embora tivessem sido recentemente pintadas, como uma tentativa de camuflar sua história e fazer do lugar uma dependência estatal com cara e pinta de juventude. Linhas duras a desenhar novas paisagens, traços invisíveis para os olhos, porém, marcantes para os corpos.

Naquele lugar amplo, por natureza transitório, movíamos-nos tentando criar coletivamente espaços aconchegantes, micro-espacos íntimos, que eram amorosamente cuidados por cada um de nós. Criamos ali salas de encontros com TV, vídeos, almofadas, colchonetes, aparelho de som, puffs... O resultado ficou bonito, gostávamos de nos encontrar ali assim como os meninos, que também gostavam do lugar e participavam de cada mudança que íamos fazendo. No entanto, a passagem deles era transitória, no cumprimento de medidas socioeducativas. Seria muito improvável que ali se produzisse um sentimento de pertencimento ao lugar – tudo aquilo tinha ainda um ar de estação de trem.

2 Encontros e Despedidas²

Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar
Tô chegando
Coisa que gosto é poder partir
Sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar
Quando quero
Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim, chegar e partir
São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem da partida
A hora do encontro
É também de despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar. É a vida.

Dividíamos-nos em grupos e cada grupo trabalhava com diferentes adolescentes. As equipes mudavam constantemente assim, não trabalhávamos sempre com o mesmo colega. Isso dependia dos horários e de cada situação.

O trabalho com Alejandra iniciou com uma equipe, da qual também faziam parte os psicólogos Fernando e Lucia, além de mim. Pouco tempo depois de começar, Fernando decidiu abandonar o grupo por não se sentir à vontade. Assim, permanecemos Lucia e eu, clandestinas de origem, desde o começo, infância clandestina, turbulenta e confusa pela qual passamos nos anos de repressão militar no Uruguai.

² Milton Nascimento

Alejandra: menino triste, menina clandestina. Corpo mutante, afinado em uma performática feminina, perdida por momentos nos traços de um rosto viril.

Entre nós, o que havia em comum? O que compartilhávamos; clandestinidade?

Acredito que somos todos um pouco clandestinos, de nos movermos por entre-lugares e conseguirmos transitar por esse território gera em nós forças e desperta potências que agilizam a vida nas cidades, mesmo nas piores condições. Somos corpos reciclados que se movimentam a velocidades às vezes imperceptíveis e, quando se faz necessário, em trânsito lento. Em movimento de gazela e exercitando a capacidade de se tornar invisível, quando o lá fora nos obriga. Dor imensa que o interior não consegue esconder, as lágrimas correm a uma velocidade impensável e o movimento da mão é ágil no intento de escondê-las. Tais marcas ficam impressas no corpo, reinventando novos cenários, muitas vezes fugidios, mas, não por isso, pouco potentes. A vida foge também e o corpo morre ou se faz de morto.

Do meu ponto de vista, o corpo clandestino se desdobraria em dois momentos: corpo sigiloso e corpo escondido. O corpo sigiloso é ágil, se move feito gazela, e o corpo escondido seria o corpo morto ou quase morto. Ao menos, frente a alguns olhares. É desses olhares que soubemos nos esconder, sermos sigilosos, partirmos em retirada, soubemos chorar sem fazer barulho e também aprendemos a escutar sem enlouquecer e a assistirmos à loucura na firmeza de que a vida vale à pena e amanhã vai ser outro dia.

Ser criança e não entender nada, chorar pelo passarinho quando a dor e o pranto tem outro motivo. Desde muito cedo, transitar pela dor e a morte e tentar entender que tudo isso faz parte, que a vida continua e a alegria é um direito.

Como no poema de Benedetti:

“Defender la alegría como una trinchera
defenderla del escándalo y la rutina
de la miseria y los miserables

de las ausencias transitorias
y las definitivas ...” (b)

Em *La Estación*, trabalhamos juntas durante três longos meses. Os encontros aconteciam duas vezes por semana, numa tranquilidade quase poética, fluídos e com muita química entre nós três. Alejandra queria ser cabeleireira, tinha destreza natural para a profissão e, ao longo do tempo trabalhado, fomos buscando possíveis lugares para que ela pudesse se aperfeiçoar na profissão. Percebíamos, no entanto, uma ponte intransitável por Lucia e por mim. Esse seria o território inaugurado por Alejandra. Tratava-se de um segredo guardado a sete chaves e que só foi desvelado em uma ligação telefônica. A partir daquele momento, a ponte passou a ser transitável só que, do outro lado, estava a morte.

Era uma tarde tranquila, a reunião da equipe transcorria devagar, com tons de voz pausados. Lá fora, se escutava o burburinho dos meninos indo para escola, os passos apressados das mães, o sol se impondo, ocupando as calçadas e invadindo já a sala onde estávamos. Lucia estava especialmente feliz nesse dia. Depois de vários tratamentos, finalmente tinha conseguido ficar grávida.

O telefone tocou, era da delegacia para avisar que tinham prendido Alejandra e que ela estava envolvida em um caso de homicídio.

Vi o olhar de Lucia e me deu medo, medo de perda, medo de morte. Medo de colocar minha colega em uma situação muito difícil, e senti que me pertencia, que era eu quem deveria ir para delegacia saber o que estava acontecendo. Naquele momento, cuidei de Lucia como costumava cuidar da minha irmã quando éramos crianças. Um cuidado de medo, de sobrevivência. Finalmente chegamos à delegacia. Alejandra estava isolada e pedimos para entrar e falar com ela. Informaram-nos que já estava sendo trasladada para o Inau trânsito, lugar onde os adolescentes permanecem à espera das decisões do juiz.

Esperamos uma hora e fomos até o Inau trânsito. Alejandra estava dentro de uma camionete e só nos deixaram falar rapidamente com ela, argumentando que havia um problema com outro menino lá dentro e, por esse motivo, não poderíamos entrar. É

importante esclarecer que trabalhávamos todos na mesma instituição, mas em modalidades diferentes. No entanto, senti que ali era o território deles.

No dia seguinte, me permitiram entrar na instituição. O cheiro era nauseabundo, dava para senti-lo desde as escadas. Era um cheiro de morte, de corpo em decomposição que invadia tudo.

Atrás de mim, senti o barulho das grades ao se fecharem e me lembrei das visitas ao quartel em Tacuarembó, minha cidade natal. O ruído das grades ressoa da mesma forma, por todos os lados. Pesam, e quando se fecham lastimam um pranto assustador, monstruoso. O golpe final é definitivo. A grade se fecha e você está irremediavelmente de um lado ou do outro. Memória viva, na carne, no ouvido. Como havia me ensinado meu avô, não olhei para trás, aprendi a jamais fazê-lo.

De frente para a porta estava a cela de Alejandra. Quando a vi, não pude reconhecê-la. O olhar era de louca e o corpo exalava um cheiro insuportável, de fezes e urina. Com a boca ensanguentada e os dentes vermelhos, Alejandra tentava murmurar coisas que eu mal conseguia entender. Estava jogada no chão, esquecida da vida, abandonada de qualquer possibilidade. Mais uma vez, as grades se tornaram intransponíveis. Voltei então à minha infância, ao quartel em Tacuarembó, ao meu avô. Nunca havia me dado conta de que falava com meu avô por detrás das grades porque ele as tornava invisíveis para nós. Encontros de corpos, sendo o meu, ali, o corpo organizado. Pensando em Marx, percebi como o trabalho organiza um corpo. Foi a minha situação de trabalho que me colocou nesse lugar e desde aí, consegui bancar tanta miséria humana.

O Estado é uma parafernália violentamente perigosa ante tudo que não componha sua maldita performance. Frente à tamanha violência o corpo não aguenta, se decompõe em fluxos de vômito e de merda que transitam, escorrem e invadem cada canto do lugar. São fluxos da vida que se misturam à morte. Mas aquele era um encontro hormonal, era como estávamos ali naquela hora. Eram nossos afetos, atravessando esses fluxos, ultrapassando as grades. Só uma coisa Alejandra nos pediu: ir para um “lar de meninas”. E nós não conseguimos fazer isso.

Reunimo-nos com o presidente do Inau, psicólogo que havia sido reitor da faculdade de psicologia e também companheiro de militância política. Reunimo-nos também com a chefe do departamento de Maldonado, que é assistente social e ex-presença política, também companheira de militância, na época. A cada porta, um rotundo não. Assim, nunca conseguimos levar Alejandra para um “lar de meninas”.

Alejandra foi finalmente internada na Colônia Berro, instituição de privação de liberdade para adolescentes masculinos, que ali vivem nas piores condições imagináveis. Maria Livia Nascimento em seu texto *Proteção e negligência: pacificando a vida de crianças e adolescentes*, observa que:

“A medida de internação se destina a adolescentes autores de ato infracional, envolve privação de liberdade e se dá em estabelecimentos dominados por práticas extremamente violentas: superlotação, sujeira, maus-tratos, precariedades, sevícias sexuais, ociosidade, contenção física, isolamento. Dentre outros, pelo fato dos dormitórios e demais espaços serem gradeados, assemelhando-se a celas, os internos não podem circular livremente pela unidade, e o confinamento ser parte do dia-a-dia, observa-se desde logo uma estreita correlação com estabelecimentos prisionais. Por isso, ocupam o lugar de verdadeiras prisões para menores de 18 anos.” (2012, p 43)

Cortaram-lhe os cabelos e vestiram-na com a camiseta de um time de futebol, para que ninguém percebesse que Ale é trans. Para mim, tudo aquilo se tornou um divisor de águas. O projeto La Estación havia caído. Alejandra havia passado pelo estabelecimento para tornar visíveis determinados monstros próprios e alheios.

Gostaria de estabelecer neste trabalho um recorte particular, a partir de Alejandra e da minha própria história como psicóloga. Um recorte que inaugure um espaço vital e que dê conta de provocar uma discussão necessária e urgente sobre a temática dos adolescentes

que sofrem a violência cotidiana e, quando visibilizados pela lei, se tornam adolescentes infratores ou adolescentes em conflito com a lei penal. Mais especificamente uma discussão sobre o Estado e algumas de suas formas de violência.

Cada época constrói determinados discursos relativos a seus jovens. Tais discursos denotam modelos e expectativas que irão produzir formas de ser e atuar, a partir dos interesses específicos de cada momento histórico, cultural e social vigentes. Por exemplo, nas décadas de 1960, 1970, na América Latina, a imagem dos jovens pode ser associada ao revolucionário e militante, ou ao movimento da contracultura, ambas presentes naquele momento como modos de protesto aos regimes autoritários. É importante pensar quais são os modelos atuais em relação aos jovens em geral e principalmente àqueles jovens pertencentes a setores chamados de mais vulneráveis da população.

Ao mesmo tempo cabe pensar, como as instituições, por exemplo, a escolarização produz saberes e discursos sobre os jovens. Segundo Lourau :

“A instituição não é uma edificação, mas um território movente em que é necessário colocar em análise os processos instituídos instituintes. É um devir. Instituição não é uma coisa observável, mas uma dinâmica contraditória construindo – se na (e em) história ou tempo. É o devir, a história o produto contraditório do instituinte com o instituído, em luta permanente, em constante contradição com as forças de autodissolução.” (Lourau, 1993, p 11-12)

Nesse sentido poderíamos pensar em um modelo educativo que “prepara e atende” essas crianças e adolescentes em um formato de miniempreendedores. Ao mesmo tempo, temos os jovens “excluídos do sistema”, considerados perigosos e, por isso, necessitados de uma “salvação” para retornar ao caminho da ordem imperante.

As famílias desses jovens são tratadas como negligentes, termo que emerge recentemente para definir e castigar as famílias por tudo aquilo que elas não fazem e deveriam fazer para contribuir com a ordem vigente. Tornam-se assim, alvo de modelos protecionistas, em que se cria um lugar de vítimas que precisam de assistência. Em nome

de uma moral que tenta desqualificar tudo aquilo que diverge do modelo instituído. E tudo aquilo que diverge do modelo instituído é constituído como criminoso.

Bem conhecida é a relação direta e lamentável que se estabelece entre pobre e delinquente. Poderíamos falar de uma subjetividade delinquentizada, uma subjetividade que, a partir de um modelo jurídico-discursivo, encarna a mutilação e a violação dos direitos, com uma reconfiguração permanente dos “direitos humanos”. Parece ter se instalado um processo em que se atravessam e estão juntos discursos que vão desde a “humanização dos castigos”, até a “criminalização do protesto”. Segundo Cecilia Coimbra (2011), essas formas de violência poderiam ser pensadas também como herança das ditaduras militares na América Latina:

“Estamos vivendo num mundo em que não se pode confiar em ninguém, onde a paranoia grassa. Isso tem muito a ver com os dispositivos produzidos pela ditadura civil militar no Brasil, embora esse seja um fenômeno planetário hoje. Estou falando na produção da insegurança, do medo, do terror...” (p 12)

Problematizando a prática profissional da psicologia, como trabalhadora na área, sinto-me no compromisso de contribuir através dos intercessores escolhidos com aportes teórico-práticos que sirvam para pensar sobre o olhar que se tem a respeito dos jovens pobres, tanto quanto os modelos construídos na contemporaneidade sobre o ser jovem e como a partir de determinadas práticas discursivas, criam-se grupos-alvo da violência do Estado.

Estação I Corpo

1 Biopolítica e processos de subjetivação

Referenciando-nos à canção de Rita Lee, “Nem lixo, nem luxo”, poderíamos pensar, em duas composições de forças, em dois modos de subjetivação, que aparecem aqui apenas como exemplo, até porque acreditamos noutros mundos possíveis. Sem desconhecer o trabalho de Suely Rolnik (2002) no artigo “A vida na berlinda”, agregaremos aos debates já organizados sobre o tema por essa autora a afirmação da potência da subjetividade lixo como potência de grupo minoritário.

Subjetividade luxo: é a subjetividade “top” do mercado social. Sua existência se constrói a partir da necessidade de acumular, de ter para poder performar. Subjetividades “plásticas” em que o culto à uma imagem formatada possibilita manter o brilho de uma suposta identidade estandardizada de elite. É a subjetividade glamourosa e editorializada, que funciona como imagem de referência, como sistema, parâmetro de pertencimento, disciplinamento normativa e, simultaneamente, de consumo massivo.

Subjetividade lixo: pensando-se e medindo-se, em relação à subjetividade luxo, é a experiência aflitiva de estar fora dos parâmetros dessa subjetividade. O sistema capitalista produz material e no registro do real, a subjetividade lixo, construída em relação a uma falta. Assim, a subjetividade lixo se estrutura em relação a lógicas de carência e deficiência, gerando um círculo vicioso de “culpabilização” por não ter. Por outra parte, constitui modos de existência obrigados a conviver e a se reciclar por meio do lixo (aquilo que é descartado pelas lógicas dos modos capitalistas de produção).

Uma existência que se torna possível graças à recriação daquilo que perde vigência e é jogado fora do circuito de produção de riqueza do consumo: alimentam-se, vestem-se e vivem a partir do lixo. Baseada na construção de corpos reciclados, sua estética se transforma em uma usina de reciclagem para a auto-produção da vida nas piores

circunstâncias. Mas, também esta subjetividade lixo estaria associada ao que identificamos como grupos minoritários, que seriam, a partir de uma leitura deleuziana, os grupos que “fogem” da linha padronizada que tenta instaurar o modelo imperante. Devires, devir criança, devir mulher, devir negro, etc. “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam...” (Deleuze e Parnet. 1998, p 10).

A potência deles está no trânsito pelo entre, uma vida no entre, que produz uma forma de existência que viaja na potência de criar outros modos possíveis. De devir outro, de viajar entre linhas de fuga vitais. Somos feitos de linhas, linhas duras e linhas flexíveis, molares e moleculares. Linhas de fuga, que produzem uma invenção possível. No entre encontramos a resistência. Vidas que resistem à ordem vigente. O vivo se torna alvo do capital, a vida e o vivo tornam-se alvos do poder-saber e objeto de disputas de novas lutas políticas e estratégias econômicas. Na trilha aberta por Foucault, outros pensadores contemporâneos tais como, Deleuze e Guattari (1986), entre outros, em seus trabalhos apontam para os nexos entre o capital, os processos de subjetivação e a vida. Seus pensamento redesenham, deslocam e ampliam de maneira criativa os conceitos foucaultianos de biopoder e biopolítica.

Como exemplo disto, encontramos Alejandra, ela reinventa uma vida possível onde ser feliz. Devir outra, tentar fugir das rotas de uma ordem letalmente vigente, ordem que tenta esvaziar a potência de vida, disciplinando os corpos ao serviço de uma ordem regulatória. Como diz Foucault:

Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico se reflete no político; deveríamos falar de biopolítica para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana. (Foucault, 1985, p 134).

Para tentar pensar sobre estes temas e explorar alguns aspectos da racionalidade governamental que o anima, utilizaremos ferramentas conceituais elaboradas por Michel Foucault. Este filósofo na década de 1970 mostrou o que hoje se tornou uma evidência e uma peça fundamental para o funcionamento do capitalismo contemporâneo. Com o intuito de pensar novos objetivos e terrenos de lutas no seio do capitalismo contemporâneo, este trabalho não ignora a contribuição de pensadores como Deleuze e Guattari. Inicia-se assim, a abordagem do problema em questão, com as análises desenvolvidas por M. Foucault (2006) em seus estudos sobre neoliberalismo como arte de governar que torna possível o advento da biopolítica.

Que a vida e o vivo se tornem disputas de lutas políticas constitui para Foucault uma radical novidade na história da humanidade e um componente indispensável para o desenvolvimento do capitalismo. Sua investigação genealógica detecta, no século XVIII, o aparecimento de dispositivos de poder e de saber que levam em consideração os processos de vida para poder controlá-los e modificá-los.

Nos cursos ministrados no *Collège de France* no período de 1975 a 1979, principalmente em Segurança, Território e População (1977-1978) e Nascimento da Biopolítica (1978—1979), Foucault faz uma genealogia do liberalismo que se aparta definitivamente das leituras marxistas, da filosofia política clássica e da economia política. Para ele, a relação entre economia e política se transformará, em meados do século 18, em um problema para o Estado. Isto se dá porque a arte de governar do soberano se exerce sobre um território e sobre sujeitos de direito. Deste modo, um novo personagem aparece em cena a partir do século 18 – o *Homo Economicus*. A que se referiria ele? Especificamente a sujeitos econômicos que não são apenas detentores de direitos mas são, sobretudo, portadores de interesses.

Este novo personagem não abrange somente o *homo juridicus* tampouco, o *homo legalis*. Tal problema encontraria solução nas técnicas e dispositivos que, não sendo oriundos da economia ou da política, se originam de uma racionalidade que é externa e que o autor denomina “governo dos homens”. No entanto, como proceder para que a

governamentalidade não se separe em duas, a saber: arte de governar economicamente e arte de governar juridicamente? Foucault dirá que o liberalismo vai inventar e experimentar um conjunto de técnicas de governo que se exercem sobre um plano de referência que se chamará de sociedade civil ou plano social.

Por sociedade civil, Foucault compreende a correlação das técnicas de governo que se estabelecem. Não se trata, para ele, de uma realidade em si, não sendo também algo que não exista. Trata-se de uma realidade de transição em um sentido ampliado, é uma “ação entre”. (Foucault, 2008, p 14).

Estas realidades surgem no entrecruzamento das relações de poder e daquilo que permanentemente escapa a elas e este interstício é, de certa maneira, uma interface entre governantes e governados. É na gestão dessa interface que se constitui o liberalismo como arte de governo e é aí que surge a biopolítica.

O *homo economicus* é um tipo de sujeito que irá propiciar a essa arte de governar restringir-se a princípios regulatórios próprios à economia e, desse modo, definir como governar o mínimo possível. Nessa perspectiva, o liberalismo não é uma teoria em que prepondere o aspecto econômico, tampouco o político, trata-se da arte de governar que assume o mercado como instrumento de inteligibilidade, como verdade e como uma medida da sociedade. Tornando a vida uma mercadoria onde muitas vezes o valor da mesma no dizer de Eduardo Galeano vale menos do que a bala que os mata. São os ninguém (*los nadies*):

Los Nadies

Sueñan las pulgas con comprarse un perro y sueñan los nadies con salir de pobres, que algún mágico día llueva de pronto la buena suerte, que llueva a cántaros la buena suerte; pero la buena suerte no llueve ayer, ni hoy, ni mañana, ni nunca, ni en lloviznita cae del cielo la buena suerte, por mucho que los nadies la llamen y aunque les pique la mano izquierda, o se levanten con el pie derecho, o empiecen el año cambiando de escoba. Los nadies: los

hijos de nadie, los dueños de nada. Los nadies: los ningunos, los ninguneados, corriendo la liebre, muriendo la vida, jodidos, rejodidos: Que no son, aunque sean. Que no hablan idiomas, sino dialectos. Que no profesan religiones, sino supersticiones. Que no hacen arte, sino artesanía. Que no practican cultura, sino folklore. Que no son seres humanos, sino recursos humanos. Que no tienen cara, sino brazos. Que no tienen nombre, sino número. Que no figuran en la historia universal, sino en la crónica roja de la prensa local. Los nadies, que cuestan menos que la bala que los mata. (Galeano, 1994, p 59) (b)

Por sociedade, Foucault entende o conjunto das relações jurídicas, econômicas, culturais, sociais, etc tramadas e tecidas por uma multiplicidade de sujeitos, dos quais as classes fazem parte. Já por mercado, Foucault entende um estado desigual de concorrência. Nele, os sujeitos não são negociantes, mas empresários ou ainda empreendedores. É no interstício entre o mercado e a sociedade que se desdobra a arte de governar com uma capacidade sutil de intervenção e de organização do conjunto das relações jurídicas, econômicas e sociais, funcionando em uma lógica empresarial corporativa.

Esta lógica e a própria existência do mercado só se tornam viáveis a partir da atuação sobre um cenário geral que abarque a demografia, as técnicas, os direitos de propriedade, as condições sociais, culturais, a educação, etc. Para alcançar tal objetivo, o pensamento econômico dos liberais chega mesmo a inventar uma “política da vida” (Foucault, 2007, p 153). O alvo da chamada política da vida é tudo aquilo que envolve o trabalhador, por exemplo, sua situação real desde que amanhece até que anoitece e assim sucessivamente, num perpétuo contínuo, a vida em toda sua dimensão, enfim. Nesta parafernália encontramos possíveis modos de resistência, que muitas vezes tem a ver com se pensar dentro do contexto no qual se atua.

A análise institucional traz uma boa ferramenta para pensarmos nós mesmos nestes contextos, qual seja a análise de implicação. Precisamos estar atentos por onde estamos compondo, ou melhor dizendo, fazendo máquina com uma exigência do mercado e ao

serviço do Estado para contribuir com a reprodução da vida instituída nas piores condições, falamos da vida miserável pela qual o capitalismo insiste em nos levar.

Como arte de governar, o liberalismo viabiliza o trabalho, investindo na subjetividade do trabalhador, nas escolhas que faz, nas decisões que toma e, em definitivo, em um conjunto de elementos de tal maneira sutil e intervencionista, de modo que a economia se torne uma economia das condutas, uma economia das almas ou, em outras palavras, no “governo das almas”.

As políticas culturais, sociais e educativas projetam o cenário onde os indivíduos farão suas escolhas que, como tais, são acontecimentos, decisões, condutas, e os comportamentos são séries de acontecimentos passíveis de regular por meio dos dispositivos de segurança. Assim, da análise do processo econômico passamos à análise da subjetividade, das escolhas e da produção da vida. As escolhas obedecem ao sistema de racionalidade do mercado, orientam-se por parâmetros hegemônicos da oferta e demanda, do custo/investimento, enfim, modelos que foram generalizados, que se tornaram regra em e para todo o corpo social.

O mercado funciona como uma referência para as relações sociais, para a própria existência, para a relação do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com a família etc. Esta relação social se choca contra a lógica dos bens comuns tais como o conhecimento, a linguagem, as obras de arte etc. Estes são bens indivisíveis, infinitos, por definição não passíveis de apropriação. Aqueles que os adquirem não se tornam seus donos ou proprietários exclusivos.

Em tempos de ditaduras na América Latina, especificamente no Uruguai, muitos livros foram parar enterrados em hortas, embrulhados cuidadosamente entre jornais e plástico. Escondidos como tesouros no fundo das casas, onde também vimos enterrar quadros e com eles várias vidas. Resistindo à expropriação de um bem comum. Desenterrá-los foi uma festa e um trabalho de cartógrafos. Mapas de percursos que

marcavam a cada momento intensidades. Entre risos e conversas foram encontrados lá no fundo onde outrora cresciam cenouras e alfaces.

Nesse ponto, o governo das almas apresenta possíveis linhas de fuga no interior do próprio dispositivo biopolítico. Foucault utiliza o termo dispositivo para:

“demarcar um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Dispositivo é a rede que pode se estabelecer entre estes elementos”. (Foucault, 1984, p 244)

Entre as linhas que compõem o dispositivo biopolítico, há linhas, sulcos fecundos que contribuem para a possibilidade de conceber uma ontologia do presente que toma como ponto de partida o corpo e suas potências intrínsecas e concebe o sujeito político também como sujeito ético, rompendo com a tradição do pensamento ocidental que o concebe apenas como sujeito de direito.

Foucault questiona os dispositivos de poder e suas práticas a partir da capacidade e da liberdade de transformação que toda relação de poder implica. Ele afirma que a liberdade do sujeito é o cerne, aquilo que constitui o centro da ética, seja na relação consigo mesmo ou na relação com os outros. Neste sentido, a biopolítica não é uma tecnologia de poder cujo funcionamento se dá unilateralmente.

“... nas relações humanas quaisquer que sejam elas, o poder está sempre presente: quero dizer, relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro. São, portanto, relações que se podem encontrar em diferentes níveis, sob diferentes formas. Essas relações de poder são, portanto móveis, reversíveis e inestáveis. Certamente é preciso enfatizar também que só é possível haver relações de poder quando os sujeitos forem livres. Isto significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência, de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a

situação não haverá de forma alguma relações de poder...”
(Foucault, 1999, p 190).

Ao pensar as relações de poder a partir desta ótica, Foucault não ignora, tampouco nega, os estados de dominação. Quando a dominação está presente, seja ela social, sexual, econômica ou institucional, trata-se então, para ele, de saber onde irá se formar a resistência. Foucault distingue três níveis de análise nas relações de poder.

“... jogos estratégicos entre liberdades – jogos estratégicos que fazem com que uns tentem determinar a conduta dos outros, ao que os outros tentam responder não deixando sua conduta ser determinada ou determinado em troca a conduta dos outros, os estados de dominação, que são o que geralmente se chama de poder. E entre os dois, entre esses jogos de poder e os estados de dominação, é que temos as tecnologias governamentais, dando a esse termo um sentido muito amplo, trata-se de maneira com que governa sua mulher, seus filhos, quanto da maneira com que se dirige uma instituição. A análise destas técnicas é necessária, porque muito frequentemente é através desse tipo de técnicas que se estabelecem e se mantêm os estados de dominação. Em minha análise do poder, há esses três níveis: as relações estratégicas, as técnicas de governo e os estados de dominação.” (Foucault, 2004, p 285).

A questão está no fato das tecnologias governamentais exercerem um papel fundamental nas relações de poder e é, por meio delas, que a estratégia pode conduzir a algo mais aberto ou mais fechado, é pelo exercício dessas relações que se cristalizam em relações assimétricas – estado de dominação ou, pelo contrário, em relações fluídas e reversíveis, abertas à criação de subjetividades que escapam ao poder biopolítico. É exatamente nesse sentido que a vida se transforma em potência de vida. Na possibilidade de transitar no Entre, de deixar os devires acontecerem. As formas de violência do Estado ao longo do período entre ditaduras militares e tempos atuais, do meu ponto de vista, foram se sofisticando e também se tornando mais violentas.

2. Corpos Híbridos

Nada a dizer. É que alguns corpos não aguentam mais esses lugares demarcados de linguagens, enunciados forçados enterrando palavras de ordem feito estacas, lugares que estriam sobre o corpo esteticismos éticos, reduzem suas forças, alienam seus possíveis, castram-no, assopram o buraco da ferida e distribuem pasto comprado para se comer. Há corpos famintos das areias do deserto, há corpos brilhantes, grãos indiscerníveis, que, em se tratando dessa ética, também não querem mais saber de nada... (Alcântara, 2011, p 11)

Ao longo do seu trabalho, Foucault falará, entre outras coisas, dos corpos. Corpos transformados por distintas formas de captura e disciplinamento, seja pelo trabalho, pela sexualidade, pelas instituições, isto é, por uma infinidade de dispositivos de poder. Desse modo, Foucault indaga e mostra a invenção da sexualidade como um dispositivo capaz de assegurar a gestão individual do corpo assim como das populações. Da mesma maneira, acontece quanto à normatização das condutas.

As fábricas, as celas como espaços sujos de confinamento nas prisões, os hospitais, as escolas e as diferentes instituições e discursos produzem subjetividades e inventam modos de vida para “viver bem”. Viver bem significaria conter a multiplicidade de vivências, conter as vidas múltiplas que habitam em nós, em detrimento da afirmação de uma diferença e a favor de um modelo social vigente.

Modelo que estaria restrito a formas de vida entediadas, limitadas e cerceadas pela muralha da moral. A biopolítica que Foucault aborda explicita claramente essa ideia. O corpo, o vivo, a vida em si se torna alvo do poder que, como tal, a esvazia, e deprime qualquer forma de existência possível. Contudo, Mario Benedetti, escritor uruguaio, nos lembra que a vida insiste, grita e cresce como uma flor entre as pedras.

Os movimentos de resistência já estão gestados na base de qualquer poder sobre a vida ou sobre o vivo, como exprime Foucault. Não sem desconhecer como, no mundo

contemporâneo, se instaurou um tipo de subjetividade que tende a ignorar ou a esvaziar os estados intensivos. Aí, o mercado se instala como o dispositivo hegemônico de reconhecimento social. A partir da afirmação anteriormente colocada, arriscamo-nos a dizer que a vida, o vivo, mercantiliza-se e que, a partir daí, vive-se mercantilizadamente, performando vidas e estéticas glamourizadas.

A reinvenção de outras formas de habitar a vida se transforma em movimento de resistência às lógicas de mercado, transforma-se em um devir, em uma vida em constante devir, em uma existência de reinvenções, em um modo absolutamente experimental de existir.

Com o advento dos novos paradigmas da comunicação e o avanço da tecnologia, podemos afirmar que somos habitados por um mundo ou pela terra inteira. No encontro com a cibernética, nossos corpos se hibridizam sem cessar e nossos sentidos se estendem infinitamente e em todas as direções. Vivemos tempos eletrônicos, em que nos relacionamos e nos comunicamos por meio de extensões tecnológicas de nossos sentidos e corpos.

O que nos leva a conjecturar que isso multiplica os fluxos, gerando multiplicidades de modos de estar neste mundo. Assim, ainda que persistam esses incontáveis fluxos, tais como as flores que resistem e insistem em vingar em meio às pedras, ainda que a diferença obstinada se produza para além das formulações dicotômicas, somos muitas vezes abarcados por modelos predominantes que nos consomem e degeneram a uma potência de experimentação já debilitada.

Uma estratégia inventiva será sempre capaz de gerar aí uma fissura, engendrando nos interstícios novas formas de subjetividade menos mercantis e, portanto, mais originais. Um viver no entre, um deslizar pelas bordas, desenhando uma linha de fuga ativa e viva. Glória Anzaldúa, teórica da cultura chicana (norte-americana com ascendência mexicana), vai abordar o conceito de mestiçagem referindo-se não somente à raça mas também à sexualidade. Partindo de sua própria experiência de vida como mulher, lésbica e new

mestiça, Anzaldúa propõe uma sexualidade não delimitada, marcada, uma sexualidade na fronteira, uma forma de habitar a vida na mestiçagem.

“Como mestiça, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como lésbica, não tenho raça, meu próprio povo me rejeita, mas sou de todas as raças porque o queer em mim existe em todas as raças.) Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais /religiosos coletivos de origem masculina dos indo-hispânicos e anglo; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectem um(a) ao(à) outro (a) e ao planeta.

Sou um amasamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz quanto da escuridão mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados” (Anzaldúa, 1987, p 80-81).

Metaforicamente, a fronteira foi o tema que moveu a vida e a obra de Anzaldúa. Ela reivindicou o espaço da fronteira como móvel, polifônico e híbrido, um lugar enfim, que possibilita diferentes maneiras de existir e que propicia a experimentação de diferentes identidades. A fronteira, um outro espaço chamado 'lar' que está aberto para a ilegal, a deslocada, a pária e a queer.

A autora baseia seus estudos principalmente na vida dos mestiços da fronteira, aqueles que nascem na explosiva zona de contato entre México e EUA e vai, a partir daí e muito além, abordar o modo como as subjetividades vão sendo invisibilizadas em função das relações de poder vigentes em um espaço determinado. Sua forma de escrita recusa também a demarcação de limites, é uma via aberta, fica na fronteira. Anzaldúa amplia esta forma de viver no Entre às categorias de estudo sobre gênero, orientação sexual, etnia, raça e nacionalidade.

A fronteira percorrida por ela é o espaço poroso onde os sujeitos se remodelam, pois ali não deve haver qualquer pretensão de identidade fixa. A liberdade passaria nesse sentido

a minorizar a servidão que o Estado constrói para controlar nossos corpos. Um ato de militância que busca romper com a heteronormatividade. Neste ponto, retomamos Foucault em sua abordagem do conceito de “dispositivos da sexualidade”, para podermos vislumbrar as estratégias disciplinares que fazem parte do sistema sexo-gênero na contemporaneidade e que são constantemente reeditados sob outras roupagens, em um *continuum* de captura dos corpos, impondo uma heterossexualidade normatizadora.

O gênero ao dizer de Beatriz Preciado não é um conceito, nem uma ideologia, nem uma performance, se trata de uma ecologia política. Beatriz Preciado afirma que a certeza de ser homem ou mulher é uma ficção somatopolítica. (Preciado, 2008, p 20).

O corpo se torna um espaço político, um cenário onde os dispositivos de poder se instalam, penetram todos os orifícios, somos violados pelos poderes instituídos, somos corpos cheios, transitando por angústias em intentos de fugas. Angústia produzida pelas capturas e reforçada pelas esferas de poder, dentro e fora de nós mesmos. Quanto mais tristes estamos mais somos funcionais ao sistema capitalista. A economia capitalista organiza a necessidade, a escassez e a carência.

O corpo feminino ou masculino é aquilo que se vê, não interessa o que sente esse corpo. Homem ou mulher tem os espaços tanto urbanos como micro íntimos profundamente definidos. Ser homem, mulher, homossexual, heterossexual, produz universos de conhecimentos, condensações de formas de ser e estar neste mundo. Voltando a Beatriz Preciado poderíamos pensar isto como núcleos biopolíticos e simbólicos duros, nos quais e a partir deles é possível juntar, produzir, etc, um conjunto de práticas e discursos. “Estamos equipados tecnobiopoliticamente para follar, reproduzirmos o controlar tecnicamente la posibilidad de la reproducción...”³ (Preciado, 2008, p 89)

³ Estamos equipados tecnobiopoliticamente para trepar, reproduzir ou controlar-nos tecnicamente a possibilidade de reprodução.

O capitalismo subjuga as potências e as coloca a seu serviço, na reprodução de uma vida de ejaculação precoce, de mágoas privadas, de um onanismo infame sem tesão, mão-máquina que escorrega pelo corpo como alguém que mata um boi, o trabalho foi executado, na convicção de ter ganho o dia, de ter relaxado depois de uma alta-tensão.

Somos esvaziados da potência de vida, que Beatriz Preciado chamará de *potentia gaudendi*⁴. Essa potência é extremamente perigosa para o capitalismo, ela é maleável, impermanente, ela é um devir, ela existe somente em relação, como evento. E por todo o mencionado anteriormente, ela não pode ser capturada nem privatizada. Essa energia, essa potência nos percorre, nos excita, nos dá vida. O tesão é altamente perigoso para o sistema capitalista, e é por esse motivo que ele insiste em nos abafar, em despotencializar, em fazer de nossos corpos, objetos e aparelhos a ser modificados, moldados, domesticados. Mas a carne esta viva e o corpo insiste, pulsa, quer sair. Temos algumas possibilidades incluída a morte e as doenças; mas também temos outras fugas, aquelas que nos permitem experimentar a viagem de estar vivo: querer transitar por esta vida de um modo menos miserável. Quando capturados pela maquinaria estatal somos obrigados a nos enquadrar, somos chamados a ser honrosos com nossos frágeis corpos femininos ou masculinos, as vezes nos abandonamos, enlouquecemos. As estruturas de poder estão aí para marcar o rumo e tudo aquilo que sai da trilha é ferido de morte. Alejandra foi brutalmente violada pelo Estado, que a obriga a se comportar com aquilo que porta entre as pernas. Vivemos determinados pelo baixo ventre. Linha fixa, neurótica, que marca um estilo de vida, um jeito de estar no mundo. Cinto de castidade que o tempo ainda não conseguiu apagar. Desenhos que corroem, linhas que passam e marcam os corpos, dividindo-os em masculino e feminino. Estabelecimentos estatais que organizam o sofrimento da vida e se encarregam de reproduzi-la nessa lógica mesquinha, triste, nessa lógica mortal.

4 Beatriz Preciado. *Potentia Gaudendi*. Em *Testo Yonki*. “Potencia atual o virtual de excitação total de um corpo. Não privilegia um órgão sobre outro: o pênis não possui mais força orgásmica que a vagina, o olho ou o dedo do pé. A força orgásmica é a soma das potencialidades de excitação inerente a cada molécula viva.” (2008 p. 38)

Homens e mulheres são separados dentro de estabelecimentos carcerários e os adolescentes em conflito com a lei não fogem desta lógica. O Estado se repete como uma máquina louca, grita, a voz ecoa nos labirintos interiores de nossas vidas privadas. O pênis conduz o destino de Alejandra e é a partir dele que ela será trasladada aos estabelecimentos masculinos, falodiagramador, sufoco, soco.

Todos os símbolos do masculino caem nela como um vendaval que nada deixa a seu passo. Passar as grades onde viverá durante longos anos, com aquele corpo que desconhece, que não lhe pertence, deixa claro que está numa situação de extrema tensão. Que fazemos com esses corpos? Como os carregamos?

Sem saída aparente só poderíamos descobrir as passagens clandestinas. Fazendo um paralelismo, podemos pensar o papel do Testogel, hormônio masculino com o qual Beatriz Preciado experimenta o seu corpo. Conta como se sente forte, potente ao usá-lo...

Do meu ponto de vista o mais interessante disto é a forma como esta droga faz máquina com o organismo, ela é invisível, se aplica via cutânea, e não deixa rastros, não precisa ser fumada, nem cheirada, nem injetada, nada. É só um toque, uma aplicação na pele. Ela se camufla, máquina com moléculas. E produz mudanças que são sub-reptícias ao modelo ollhocapitalista, conseguem se invisibilizar, quando aparecem, já está tudo feito. Dispositivos clandestinos, que produzem literal e metaforicamente uma fuga. Produto que foi inventado para uma finalidade e consegue inaugurar novos campos de intervenção. Entra no feminino para devir um híbrido. Delícia que produz o fato de só ler a experiência da Beatriz Preciado, toque suave na leitura, onde até a sensação de frescor, de coisa mentolada que dá para se sentir no corpo. Tensão que gera as leituras, as viagens por outros existências possíveis. Cheiro de alfazema, de alecrim que chega para facilitar a escrita, para inaugurar suavidades. Hortas de cenoura, de alface, laranjas em flor, fumaça de chimarrão, cheiro de pele fresca. Do outro lado o Estado, cheirando a coisa podre, a corpos em decomposição, as palavras de ordem, de fogo, de chumbo. Algemas, barulho de cadeias, cheiro de urina, de fezes, até os cheiros se repetem nesses estabelecimentos.

Estação II Estado

1 Aparelho de Captura

Para buscar compreender um pouco mais sobre a constituição do Estado e a lógica que o anima, partimos da concepção de Deleuze e Guattari (1976) de Estado enquanto Aparelho de Captura, sobrecodificador dos fluxos sociais. A ideia é tentar visualizar o movimento de captura por parte do Estado sobre os fluxos sociais, para jogarmos luz sobre a principal faceta do funcionamento dessa Instituição.

Para Deleuze e Guattari (1976) a sociedade e a própria existência são basicamente formadas por fluxos; fluxos de diferentes origens, desde fluxos de circulação humana, fluxos financeiros até os fluxos corporais, formando assim um complexo emaranhado de fluxos, em uma trama quase caótica. Esse Caos agrega uma infinidade heterogênea de aspectos, processos, subjetividades, estratos e fluxos.

Por sua vez, a sociedade é um emaranhado complexo formado por multiplicidades (Deleuze, 2007) e a função do *socius* é justamente o contrário; impedir que esses fluxos fujam e se dispersem. Então, seu papel é de inscrever e codificar tais fluxos ainda indeterminados e provê-los de significações reduzindo assim, o movimento e constituindo estratos determinados.

Os sujeitos e a sociedade são formados por essas linhas, pelos pontos onde param, onde se atravessam e formam tramas, nós, entrelaçamentos de linhas, descontinuidades, segmentaridades e até blocos.

Tais linhas já foram anteriormente mencionadas. No entanto, a pertinência de se retomar o conceito de linhas segundo o pensamento deleuziano justamente nesse ponto, está em pensar sobre os fenômenos sociais a partir daí, uma vez que, para o autor, as linhas de fuga se configuram como aquilo que se enovela, como a mudança, como o que irrompe, seja em instituições, pessoas ou no próprio Estado.

As linhas de fuga atuam como navios que nos levam a mundos distantes, a outras possibilidades, bem longe do lixo da ordem imperante e de um Estado que submete as pessoas às piores condições de existência.

Embora atravessada por todas as linhas possíveis, atropelada pelo Estado e por suas instituições percebi, ao longo do meu trabalho com ela, que Alejandra, a adolescente transexual, era capaz de experimentar as possibilidades do corpo em singrar outras águas, potencialmente transmutando-se em um corpo-navio a fim de poder viajar até mundos menos miseráveis.

Alejandra sonhava. Sonhava em casar-se e também em ter dinheiro. Casar-se e ter dinheiro? Eis aí um par perfeito! Seja pela falta ou ainda pela existência, uma vez que nos visibiliza, nos coloca em determinados lugares e a partir daí se dá a estigmatização de nossos corpos moldando-se assim, comportamentos, condutas e até maneiras de se sentir. Da mesma forma, Alejandra já levava a marca das instituições e de suas linhas molares tatuada na alma e no corpo ainda jovens.

Mas, nem tudo estava perdido. Como os autores, acreditamos que há linhas que pulsam e gritam, levando-nos a nos mover, a nos comover, transportando-nos como que embarcados em um navio que singra em direção a outros portos, rumo a um outro cais possível.

Menina travesti, filha de mãe esquizofrênica e nascida de uma violação, Alejandra amava a vida, a queria, a ela estava intimamente ligada; inquietava-se, tinha sonhos e desejava muito curtir seu corpo de mulher.

De manhã cedo se levantava, arrumava a casa, vestia as irmãs e as levava à escola. Dali, já não voltava para casa. Ia visitar as amigas, perambulava pela cidade e, entre olhares furtivos, tinha alguns encontros, todos fugazes; fugazes amores de esquina. Definitivamente, Alejandra era um pouco romântica. Em geral, não se prostituía. Gostava de repetir; “este corpicho vale um amor!”.

Ela tinha várias amigas e com elas, gostava de ir a piqueniques em lugares perto do balneário de Punta del Este, no Uruguai, e ali passavam o dia, em geral nos finais de

semana. Era uma vida simples e nessa simplicidade cotidiana, Alejandra navegava por grandes sonhos.

A vida simples dessas cidades do interior de onde tanto Alejandra quanto eu viemos, nos permitiu viver nessa fronteira entre a visibilidade e o tempo a ser compartilhado. Tirar partido desses esconderijos que bem conhecemos e que se tornam de fácil acesso.

No interior do Uruguai, as casas são baixas e recebem o sol de todas as tardes, raiando como um deus vindo de um céu azul.

Nesse cenário, havia coisas que não podiam ser ditas; o interior também guarda segredos. No fundo da casa, o avô enterrara uma bicicleta; e isso não podia ser dito.

Um dia, um amigo me contou um segredo na saída da escola que nunca havia revelado a nenhuma outra pessoa. Fez-me jurar que nunca, jamais o diria a ninguém. Seu segredo, nosso segredo, desde então: queria ser mulher. Diante da amorosa abertura, também revelei a ele meu segredo; contei-lhe da bicicleta.

Meu avô havia enterrado uma bicicleta no quintal de casa e, por cima, contei, plantou cenouras. Intrigado, meu amigo me perguntou o que nasceria dessa plantação, cenouras ou bicicletas? Não havia imaginado antes algo assim mas, a ideia de ver brotar bicicletas no fundo de casa me encheu imediatamente de entusiasmo e alegria. Algumas tardes da minha infância, passei ali no quintal de casa, cuidando da horta de meu avô e imaginando brotar bicicletas da terra.

Buscaremos fazer aqui um breve relato desenhando uma linha para podermos pensar ou, pelo menos, tentar fazê-lo. Na história universal proposta por Deleuze e Guattari (1976), os movimentos de codificação e decodificação adquirem papel predominante; por um lado, o *socius* codifica e, por outro, o Capitalismo surge como o “negativo” da sociedade, como elemento desterritorializador das linhas que o *socius*, por sua vez, territorializa.

Tal história se refere antes às contingências do que à necessidade, relaciona-se aos cortes, às rupturas e aos limites muito mais do que à continuidade. Ela é formada por três

momentos principais, representados pela tríade selvagens-bárbaros-civilizados. Os selvagens ligados ao primeiro momento da máquina territorial primitiva, os bárbaros à formação imperial despótica e (nós) civilizados, ligados à formação capitalista integrada.

Os três tipos de sociedade das quais nos falam os autores não aparecem necessariamente na forma linear costumeira. Há uma sequência de estratos. A máquina despótica estatal se monta sobre a máquina da terra, transmutando-a, recodificando-a. A máquina do Capital se monta sobre a velha máquina estatal, decodificando-a e se apropriando dos velhos territórios. O Estado na sociedade capitalista acumula códigos, aglutina os desperdiçados pelo poder desterritorializador e decodificador do Capital.

Considera-se que a cultura atual está permeada pelos modos da produção capitalista, sendo responsáveis pelo exercício do controle e da produção da subjetividade. Nesses modos, o capital ocupa-se de uma sujeição econômica, subjetiva e cultural, tomando o controle de qualquer forma de criação ou produção no âmbito singular. É neste contexto de controle da subjetivação que a cultura se caracteriza como um sistema de equivalência, no qual prevalece de maneira implícita o controle da produção da subjetividade, tanto no âmbito social, como no individual.

Nesse sentido, a produção de subjetividade se constitui como toda e qualquer forma de produção, inclusive o modo de produção capitalista que está inserido na linguagem, na família e nos diversos equipamentos sociais. A produção capitalista conecta-se diretamente às grandes máquinas produtivas configuradas como máquinas de controle social e do psiquismo, que atuam desenhando a maneira de se perceber o mundo.

Tal subjetividade circula nos conjuntos sociais e é assumida e vivida pelos indivíduos em suas particularidades. Desta forma, se questiona que a subjetividade não é uma espécie de interiorização de coisas externas mas sim, uma produção que se dá na multiplicidade de componentes que se entrecruzam, conectam e se desconectam.

Guattari (1992) destaca que é necessário realizar uma descentralização da questão do sujeito para a subjetividade. Enquanto intensidade, a subjetividade sustenta-se no meio da relação entre sujeito e objeto, na qual se passa da primeira instância àquilo que é manifesto.

O autor coloca o par conteúdo/expressão no campo da subjetividade para discutir de que maneira o conteúdo é responsável pela consistência dos aspectos ontológicos da expressão. Essa questão do conteúdo e expressão se baseia em uma reversibilidade e nela se encontra a função existencializante que permite os agenciamentos.

Deleuze e Guattari distinguem dois tipos de agenciamento. O agenciamento maquínico que garante “a mistura de corpos reagindo um sobre os outros”; e o agenciamento coletivo de enunciação que sustenta um regime de signos (ou máquina de expressão) que determinam o uso dos elementos da língua, mas, além disso e por causa disso transformações incorpóreas atribuídas aos corpos. (Deleuze e Guattari 1995, p 30)

A subjetividade é produzida por agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos. Esses agenciamentos comportam componentes heterogêneos diversos e só são possíveis quando se colocam em conexão direta as instâncias de uma mesma natureza que se revelam por aspectos extrapessoais – caracterizados por sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, etológicos, midiáticos, dentre outros – e infra-humanos, infrapsíquicos – caracterizados por sistemas de percepção, sensibilidade, desejo, afetos e valores, dentre outros.

Os agenciamentos maquínicos são considerados por Deleuze e Guattari (1995) como algo que não deixa de fazer e desfazer um organismo, na sua dimensão de corpo sem órgãos, por meio de partículas a-significantes e intensidades. A direção deste agenciamento aponta para os estratos do organismo e seus significantes, pensando principalmente as conexões estabelecidas no contexto da multiplicidade.

Guattari afirma que a subjetividade maquínica, o agenciamento maquínico de subjetivação aglutina essas diferentes enunciações parciais e se instala de algum modo antes e ao lado da relação sujeito-objeto. Ela tem, além disso, um caráter coletivo, é multicomponencial, uma multiplicidade maquínica. (Guattari. 1992, p 37)

O autor (1992) considera que as máquinas determinam uma mediação criativa entre natureza e humanidade. As máquinas são do estatuto da intercessão e serão fonte de ambigüidade perpétua pois, elas transitam em diversos níveis de intensidade ontológica, sendo consideradas como avatares técnicos, sociais, semióticos e axiológicos.

Para Deleuze e Guattari (2004) “tudo é máquina (...) [o homem] não vive a natureza como natureza, mas como processo de produção. Já não há nem homem nem natureza, mas unicamente um processo que os produz um no outro e liga as máquinas.” (Deleuze e Guattari, 2004, p 8)

Temos então que os seres se organizam em uma noção ampliada das concepções etológicas, essa noção é chamada de território. Para os pensadores, os seres se organizaram dentro de territórios próprios que os delimitam, articulando-os a outros e a diversos fluxos. Num movimento contínuo de apropriação, o território subjetiva-se sobre si mesmo no espaço das vivências.

Neste movimento, também se caracteriza a capacidade dos seres em se desterritorializarem, o que consiste em engajar-se em linhas de fuga capazes de levar os territórios a um novo curso ou a outras representações, promovendo rupturas no território anteriormente estabelecido.

A clandestinidade, por exemplo, levou muitas pessoas a viver em outros territórios, tanto geográficos quanto existenciais. Dentro da clandestinidade as vivências são múltiplas, infindas.

Quando me refiro à clandestinidade, busco afirmar que dentro dela existem possibilidades, modos potentes de se viver e de se criar. Identifico como momentos diferentes uma possível clandestinidade ou invisibilidade, dentro de um sistema democrático, e dentro de uma ditadura. Na ditadura não havia escolha mas, a escolha estava em o que fazer com aquela situação.

Várias pessoas viveram clandestinamente. Resgato um relato do livro “*Gol de Pueblo uruguayo. Crece desde el pie*”, que revela testemunhos, anedotas, documentos e imagens da época da ditadura em Uruguai, de 1973 a 1985. Os autores preferiram permanecer no anonimato, com o objetivo de deixar claro que essa história pertence a todos.

Em uma longa entrevista, escolhi um trecho da história de Chela Balbi, que segue. A íntegra se encontra no livro já mencionado.

“Ent: *Ustedes estaban clandestinos acá em Canelones?*”

Chela: *No, no. Estabamos en Montevideo, viviendo en distintas casas. En setiembre de 1975 viene una compañera de Toledo, que era la madre de José Estevez y me dice: Chela, váyanse hoy porque se llevarona a José y Cicerón, los vienen a buscar. Agarro de apuro unas cositas para Silvia y me voy a la casa de mi madre en Montevideo. Esa noche me vinieron a buscar, cuando llego a la casa de mi madre digo: no traje ningún documento. Al otro dia vengo hasta acá, a buscar un poco de ropa para Silvia y documentos. Entro por el fondo, por la casa de un vecino y encuentro todo roto en mi casa, todo, todo, todo, desde las ventanas, hasta el ropero. En el ropero Anibal habia hecho un sobre techo y ahí estaban los documentos que no encontraron. Me llevo los documentos. Cuando voy a salir por el fondo, cuando llego a la parada del ómnibus veo que pasan dos “chanchitas” del ejército, pero en ese interín viene el ómnibus y me voy. Despues me enteré lo que paso.”* Gol de pueblo Uruguayo. Crece desde el pie. 2012. p 597. (c)

Procurada pelo exército para ser levada presa, Chela Balbi, como era conhecida por todos, adota então seu nome original Maria Angelica Russo que, fazia algum tempo já não usava, como uma maneira de se camuflar diante de um Estado opressor. Aí, Chela se desdobra e multiplica, reinventando-se em outra existência possível. Anibal Balbi, seu companheiro, estava preso e Chela/Maria Angelica era movida por um enorme desejo de sobreviver.

O resgate desse relato em especial se deve ao fato de Chela/M^a Angelica ter conseguido burlar todos os aparelhos estatais da época, em um claro exemplo da potência de se invisibilizar frente ao Estado. Ela permaneceu clandestina no Uruguai durante muitos anos, vivendo e trabalhando como M^a Angelica, em Montevídeu.

Estamos buscando compreender como algumas táticas de violência e repressão repudiadas em outros momentos sócio históricos são reeditadas por ex-militantes que hoje ocupam o poder. De lá, adotam posturas fascistas, respostas fascistas frente a situações gritantes, como é a situação da América Latina neste momento.

É neste momento que tento escrever esta dissertação, enquanto helicópteros sobrevoam a cidade. Posso vê-los da minha janela e escuto o zumbido infernal das

máquinas metálicas. Volto das manifestações com o corpo afetado e escrever é, para mim, um ato de rebeldia. Fumo meu cigarro enquanto penso. Amanhã, vou de novo. Uma força nos habita e sabemos que ela é imensa.

No meio de tanta dor, também somos potencialmente alegres, sabemos sê-lo. Lembramos de Mário Benedetti, no poema:

*“Usted preguntará porque cantamos
...cantamos por el niño y porque todo
y porque algún futuro y porque el pueblo
cantamos porque los sobrevivientes
y nuestros muertos quieren que cantemos
cantamos porque el grito no es bastante
y no es bastante el llanto ni la bronca
cantamos porque creemos en la gente
y porque venceremos la derrota
cantamos porque el sol nos reconoce
y porque el campo huele a primavera
y porque en este tallo en aquel fruto
cada pregunta tiene su respuesta
cantamos porque llueve sobre el surco
y somos militantes de la vida
y porque no podemos ni queremos
dejar que la canción se haga ceniza.”(d)*

Creio ser pertinente mencionar aqui o prefácio à edição americana de O Anti-Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia, assinado por Michel Foucault, em razão de sua atualidade, frente ao momento em que vivemos:

“Libere a ação política de toda forma de paranóia unitária e totalizante;

Faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, mais do que por subdivisão e hierarquização piramidal;

Libere-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna), que o pensamento ocidental, por um longo tempo, sacralizou como forma do poder e modo de acesso à realidade. Prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade;

Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária;

Não utilize o pensamento para dar a uma prática política um valor de verdade; nem a ação política, para desacreditar um pensamento, como se ele fosse apenas pura especulação. Utilize a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como um multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política;

Não exija da ação política que ela restabeleça os "direitos" do indivíduo, tal como a filosofia os definiu. O indivíduo é o produto do poder. O que é preciso é "desindividualizar" pela multiplicação, o deslocamento e os diversos agenciamentos. O grupo não deve ser o laço orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de "desindividualização";

Não se apaixone pelo poder.”

Deleuze e Guattari (1995) assinalam a importância de se considerar a multiplicidade de maneira simples e jamais como algo superior. É de maneira simples que os autores buscam compreender a multiplicidade, comparando-a ao conceito de rizoma, que foi extraído da botânica. Eles afirmam: subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas.

A subjetividade é uma produção decorrente de processos de individuação ou subjetivação, feitos nas conexões de fluxos heterogêneos e agenciamentos coletivos e impessoais. Sendo assim, o entendimento de rizoma torna-se fundamental para a compreensão da subjetividade pois, o rizoma é também uma forma de concepção da realidade na qual se produz a subjetividade.

O rizoma se constitui como multiplicidades demonstráveis em um plano de consistência, definindo-se como um conjunto de pontos e posições, que se arranjam por linhas. Algumas destas linhas representam formas pré-concebidas de agir e pensar, instituídas na realidade, enrijecendo a subjetividade por padrões; outras estão presentes no âmbito da singularidade e num fluxo criativo e inventivo. O rizoma se compõe na presença e no cruzamento dessas linhas, bem como a subjetividade também se produz neste sentido.

Existe uma multiplicidade na nossa existência. Há uma forma de sair dos velhos modos tradicionais, que reengendram o sistema capitalista num moto contínuo interminável. Modos hierárquicos, de propriedade privada, de chefe, de chefe de família, da própria família e trauminhas edípicos.

Tais formas de vida que se vão multiplicando são possíveis em todas as formas da vida. E uma linha de fuga vai desde a coisa mais criativa até a morte em si que, às vezes também pode chegar a ser criativa. A loucura, por sua vez, se constitui em uma forma de sobrevivência.

Alejandra entrou em surto dentro das quatro paredes daquela cela. Naquele momento, me perguntei e ainda agora me questiono, o que se poderia, o que se pode fazer encerrada entre quatro paredes de uma peça nauseabunda, gradeada, e tendo por companhia, do lado de fora, um carcereiro, cujo única tarefa seria a de controlar cada possível movimento. Cuidando em nome da vida, os templos do horror.

Enlouquecer é, em circunstâncias como essas, uma linha possível. Transmutar-se em Corpo-navio, decompondo-se mas, buscando o vento a favor para retomar o vôo, sendo ainda capaz de sentir o vento na popa apesar de dentro de um labirinto mórbido e nauseabundo.

Quando me encontrei com Alejandra nessa situação, dentro do calabouço, gradeada, vigiada, ela delirava, delirava ... navegava outros mundos possíveis.

O atual presidente do Uruguai, Pepe Mujica, via pessoas no calabouço, conversava com elas e chegou a declarar que, naquela época, escutara as pedras gritarem. Desde o dia em que as escutou pela primeira vez, Mujica afirma que as pedras gritam.

Minha mãe sentia muito medo. Nasci em um hospital no Uruguai em plena ditadura e, imediatamente depois do parto, minha mãe foi transferida para um banco de ferro. Naquele lugar, não havia cama para nós. Ainda agora, sinto o frio do lugar. Memória de quê?

O menino era pequeno, um bebê. Já era noite e se escutava o barulho dos cachorros latirem lá fora; os militares tinham chegado. Na casa ao lado, os vizinhos tinham um cachorro de guarda, imenso e bravo. Assim que o operativo militar invadiu a casa, a mulher só teve tempo de correr até o quintal e, segurando o filho pelo braço, pendurá-lo por cima do muro e soltá-lo para o outro lado, pedindo a deus e ao cão de guarda do vizinho que cuidasse dele, que o mantivesse vivo e a salvo.

Ela foi levada e o animal cuidou da criança até o amanhecer. Naquela noite, o cachorro nem latiu. Instintivamente, cuidou daquele filho como se fosse a própria cria. Nos dias que se seguiram, os vizinhos levaram o menino para a casa de seus avós maternos. O animal bravo deve ter sentido saudades do menino. A mãe nunca mais foi vista.

O aparelho do Estado que prende, captura e tortura, reedita práticas de violência em diferentes momentos e dentro de configurações estatais diferentes.

“Mãe, moradora de rua, cuida cotidianamente de seu bebê. Organiza seu dia-a-dia por meio de parcerias com os comerciantes do bairro, que a ajudam. Sustenta-se fazendo e vendendo artesanato. Apresenta notas de diárias pagas em pequenos hotéis baratos onde costuma passar as noites com o filho. Denunciada por estar nas ruas com uma criança, prática considerada uma violação de direitos pelos órgãos que acolhem tal denúncia, é recolhida da rua, sendo indicado o abrigo do bebê. Como reage com fúria, é considerada em surto, e internada em estabelecimento psiquiátrico. Por querer ficar com o

filho tem a vida pacificada pela internação, pela medicalização, pela psiquiatrização. Internar a mãe no hospital e abrigar o bebê aparecem como solução. Está tudo resolvido ao se enquadrar cada um em seu estabelecimento próprio. Em nome da proteção oficial ao bebê, a mãe é calada, violentada. Busca-se organizar essas vidas em desvio, e a paz se faz, ao menos no seio do judiciário e das agências de assistência.” (Nascimento, 2012, p 22)

Nos exemplos anteriores, apresentamos *flashes* de momentos, tanto de ditadura quanto de democracia.

À medida que o aparelho estatal foi sofisticando diferentes formas de violência, a tortura se tornou uma prática cada vez mais banalizada, mais naturalizada. Tanto que, nos dias de hoje, determinadas pessoas devem morrer para a sobrevivência de outras.

Para Foucault (2002), diferentes tecnologias são empregadas e legitimadas em nome de uma pretensa paz. Adotam-se práticas punitivas e legitimam-se verdadeiros genocídios pois, são apresentados como “esforços” no sentido de se alcançar a paz, com o argumento de que a violência seria a maneira de se pacificar pela força aqueles que não dão paz.

No curso “*Em defesa da sociedade*”, Foucault discute o poder do ponto de vista da guerra, como luta e enfrentamento, estratégia que responde a determinados tipos de resistência. Diz ele: “*a política é a guerra continuada por outros meios; isto é, a política é a sanção e a recondução do desequilíbrio das forças manifestado na guerra.*” (p 23).

Com isso, o autor está explicitando aquilo que os relatos e exemplos expuseram anteriormente; guerra que valida o triunfo de alguns e pauta a submissão de outros. “*Em defesa da sociedade*” agrega ainda que a ordem civil é uma ordem de batalha.

Uma mordida de vida

“Ela está presa. Ela está grávida. Ela vai ter um filho. Um filho que vai ser arrancado de sua presença depois de nascer. Eles a levam a um hospital e a algemam durante o parto. Esta mulher, viva, em meio a contrações de seu útero, em meio à dilatação de seus quadris, em meio à distensão de sua vagina, em meio à corja que sustenta a continuidade das prisões, foi algemada sob a alegação de que mordeu a mão da carcereira que fazia sua escolta. Viva. Ela mordeu, sim, a maldita carcereira. E isto é muito mais e muito menos do que uma discussão de direitos. E quem achar que uma mulher parindo tem de ser algemada, imobilizada, contida, que crie para si uma utopia tão sórdida quanto a crença nas prisões: uma máquina do tempo para amarrar aquela que pariu. Ela mordeu, sim, a carcereira, a carniceira. Viva.” (Flecheira n. 234, 2012. <http://www.nu-sol.org>)

2. Máquina de Tristeza: Colonia Berro e Centro La Estación

“(...) Lo que vieron mis ojos fue simultáneo: lo que transcribiré, sucesivo, porque el lenguaje lo es... El diámetro del Aleph sería de dos o tres centímetros, pero el espacio cósmico estaba ahí, sin disminución de tamaño. Cada cosa (la luna, del espejo, digamos) era infinitas cosas, porque yo claramente la veía desde todos los puntos del universo. Vi el populoso mar, vi el alba y la tarde, vi las muchedumbres de América, vi una plateada telaraña en el centro de una negra pirámide, vi un laberinto roto (Londres), vi interminables ojos inmediatos escrutándose en mí como en un espejo, vi todos los espejos del planeta (...)” El Aleph. J. L. Borges.

A lista continua na vã tentativa de capturar o infinito Borges. Particularmente, me conformo em enumerar determinadas partes da minha própria vida que convergiram nesse instante de absoluto e no qual me dou conta, de uma vez, tal como uma vida que passa em um filme. Pesquisar, pensar e escrever sobre essas instituições, sobre como funcionam, me traz uma clareza que transborda. Constato que a escrita está em nós, nos habita, é um corpoescrita. Nos move e nos mobiliza tanto que o papel se transmuta em pele. Esta dissertação poderia ser escrita sobre a pele, desenhando linhas, criando sulcos e deixando marcas.

Escolher escrever sobre a história de Alejandra e sobre a minha própria história é uma tentativa de pensar como as práticas de violência do Estado continuam sendo aplicadas de forma sistemática, elas foram se sofisticando e também se naturalizando, mas continuam presentes e algumas com táticas de anos de ditaduras.

Durante a ditadura, o classificado subversivo precisava sumir em nome da paz. Hoje, os grupos de adolescentes pobres, travestis, infratores, negros e outras tantas categorizações normatizantes, precisam ser controlados, vigiados e, algumas vezes e em nome da manutenção de tão propalada paz, eliminados. Ou ainda subjugados em detrimento de suas próprias vidas e em nome da defesa dos direitos dessas populações.

Maria Livia Nascimento esclarece que, “quando a criança ou o adolescente não se encontra em condições tidas pelos especialistas como normais, o Estado reserva-lhes espaços próprios, prática tida como de proteção, com a imposição de um modelo instituído de assistência especializada, de discursos competentes, de moralização, culpabilização e criminalização. O fato de estar sendo assim protegidos funciona como uma reafirmação do lugar que já habitam, o da desqualificação da diferença, visto que existiriam formas hegemônicas de existência.” (2012, p 23).

A cidade também coloca as pessoas em determinados lugares, impedindo muitas vezes a livre circulação dos indivíduos. Um exemplo claro disso ocorre no balneário de Punta del Este, Uruguai. No verão, as pessoas cuja estética difere do padrão, da estética luxo ali instituída, não passam, não entram e a vigilância passa a ser reforçada. A polícia patrulha o lugar 24 horas por dia. Passar para curtir uma praia, tentar burlar e evitar esses dispositivos coloca o personagem em risco, numa situação de violência iminente.

Tudo está tão naturalizado que se a polícia o prende, tal ato se justifica de per si, uma vez que, certamente, estaria ali para roubar. A violência se justifica em nome da prevenção ao delito. Tudo está justificado em nome da manutenção do *status quo* vigente.

Nesse contexto, as técnicas de segurança procuram desfazer as aglomerações indesejadas e desordenadas em função de táticas econômicas e administrativas, capitalizando um território e arquitetando um espaço. Assim, controlar a circulação, os corpos, as vidas e tornar as mentes estúpidas se apresenta como o santo remédio para se alcançar a paz social.

É a partir dessa ideia que surgem inúmeros centros de controle: da infância e da adolescência, para adictos, para moradores de rua e tantos outros dispositivos destinados a enquadrar, vigiar e controlar as existências. São tantos centros de controle, que pareceria que vivemos em um grande campo de concentração...de centros.

No entanto, os movimentos eclodem em todo o mundo. Analistas políticos já asseguravam que ingressaríamos em uma grande revolta social à partir de 2009, como reação ao colapso dos mercados financeiros e ao aumento da dívida pública.

No entanto, até os gurus de esquerda culpam, acusam e operam a partir de lógicas retrógradas, destinadas a massificar e massacrar sociedades que, por sua vez, dizem basta. Culpam os jovens, chamam-nos baderneiros, e se colocam como exemplo de “bons e pacíficos manifestantes”. Dos palanques, gritam que os jovens não têm ideologia. A isso justificam e defendem tal qual suas avós justificavam e defendiam a importância de se casar. Agora o cenário é de revolta, mudou e é bem outro. Não há marido nem ideologia; o buraco é mais embaixo.

Beatriz Preciado defende que o mundo já não pode mais estar dividido entre Comunistas e Neoliberais. Aonde se falava de representação poderíamos então, desde já, começar a falar de experimentação?

Para Guattari (1973), entramos num tempo em que as minorias do mundo começam a se organizar contra os poderes que lhes dominam e contra todas as ortodoxias.

Em concordância com Beatriz Preciado, acreditamos que o mercado é a única razão governamental e que o Estado, então, se converteu em um braço punitivo, cuja principal função se limita a recriar uma ficção de identidade nacional, reproduzindo a insegurança em grande escala.

Mas, neste cenário, como em outros, há furos, fissuras. A teoria *Queer* é um claro exemplo disso pois surge rompendo barreiras e subvertendo as análises feministas, em cuja captura os movimentos de gays e lésbicas estavam caindo. Estamos escapando da armadilha do universo normativo homem, mulher, homossexual, heterossexual. Somos mais que isso, somos muito mais que pênis e vagina. Somos corpo, fluxos intermitentes, somos desejo de voar e, ao mesmo tempo, somos buracos na terra e também somos buracos na camada de ozônio. Mais que tudo isso, somos o desejo de parir um mundo diferente.

Uma adolescente travesti em uma cidade pequena no interior do Uruguai é um problema e, por isso, será enquadrada, estigmatizada como louca, puta, escandalosa e baderneira. No entanto, eis aí uma greta, uma fenda, uma outra possibilidade de mundo.

Por sua vez, a família é declarada culpada por ter engendrado esse ser. E também por isso, passará a ser alvo da proteção estatal uma vez que, nesse contexto, é considerada uma família negligente. Como tal, a família de Alejandra definitivamente não se enquadra nos padrões de família que socialmente se convencionou, em favor de uma convivência social ordeira.

O Estado liberal preconiza e defende a liberdade como um direito universal e fundamental e, paradoxalmente, controla e manipula a vida das pessoas. Se por um lado, se é livre para formar uma família por outro, ela deve seguir padrões já traçados, precisa ser enquadrada dentro de preceitos pré-estabelecidos e ser formalizada por meio da disciplinarização, acompanhada de estratégias biopolíticas de regulação.

Para Nascimento (2012), “No caso das famílias classificadas como negligentes, diz-se que fizeram mau uso da liberdade. Ou seja, a liberdade só é possível pelas lógicas reguladoras da população, ou a liberdade de ter filhos só é possível pela via da proteção. Tenha controle de sua liberdade!” (p 32).

Observamos também que existe um jogo perverso de culpabilização; se é culpado pelo que acontece uma vez que, tendo o direito à liberdade de escolha, escolhe-se o caminho errado. Trata-se de uma lógica imposta e moralista, da alienação e culpabilização do sujeito considerado *outsider* ou fora dos padrões.

Ao reforçar tais discursos retrógrados e de natureza conservadora e moralista, criam-se grupos-alvo do controle estatal - tendo como referência um padrão de normalidade -, que devem ser perseguidos e para os quais só resta uma lógica punitiva.

Dessa maneira, se criam instituições que, a partir de uma lógica punitiva e em nome de um pretenso cuidado, perseguem e impõem um ideal de organização. Buscam subjugar e prostrar qualquer sopro de vida que escape aos padrões estabelecidos, dentro da lógica das instituições família, propriedade e bons costumes.

Reduzindo ao máximo possível qualquer potência de vida, qualquer linha criativa, qualquer tentativa de mudança ou expressão de liberdade que nos arrebate da tristeza a qual o capitalismo nos condena.

Quando ia à escola queria participar das festividades de final do ano mas as professoras não me deixavam dançar, porque dançar em épocas de ditadura era para poucos. Um dia, meus primos e eu nos organizamos e, clandestinamente, dançamos atrás das cortinas do salão de festa da escola. Ríamos e dançávamos todos os ritmos, juntos.

A escola adotava punições para as crianças que se comportassem mal ou ainda que tivessem comportamentos considerados suspeitos e fora dos padrões naquele contexto de absoluta repressão.

Ao nos comportarmos mal éramos mandados para uma salinha pequena e escura, que ficava ao lado da secretaria e de um banheiro. Assim, os sabidamente mal comportados ou seja, negros, pobres e filhos de comunistas, éramos levados frequentemente para a temida sala do castigo.

No início, sentia medo do quartinho mas, de tanto ir pra lá, aos poucos fui descobrindo coisas que me interessavam dentro daquele lugar. Descobri que a salinha era usada para estocar parte da merenda servida na hora do recreio da escola. Desde então, o que era um quartinho escuro passou a ser para mim a sala dos biscoitos.

Comecei timidamente, comendo um simples croissant e, quando percebi que não eram contabilizados pelos funcionários e que eu não seria punida mais uma vez, me senti livre para avançar um pouco mais. Além dos croissants, deliciosos biscoitos recheados de creme estavam entre meus achados preferidos! Definitivamente, comia coisas deliciosas e, por isso, queria ir para o quarto dos biscoitos.

Passei a informação primeiro para minha irmã e depois para meus primos. Assim, toda vez que nos reuníamos para brincar no quintal de casa, o assunto preferido era o quartinho e suas delícias. O quarto do castigo passou a ser o nosso quartinho dos biscoitos.

A tortura, a repressão, a perseguição e tantas outras formas de violar a existência deixam marcas. Não estou negando isso neste trabalho, no entanto, escolho o caminho da afirmação da vida, para que tais marcas sirvam como instrumentos de luta.

Os mecanismos sistemáticos de repressão geram altos níveis de desconfiança e medo; quem está ao seu lado pode ser seu inimigo. Isso nos desumaniza e enlouquece, e sobretudo, nos torna tristes.

Para escapar disso e termos uma sociedade menos desigual e ressentida é preciso entender, dentre outras coisas, como os aparelhos do Estado utilizam esta potentíssima ferramenta para desestabilizar tudo. Mesmo os vínculos são contaminados por isso pois se trata de dispositivo potente, que funciona desde as ruas até invadir a cama. É como um líquido viscoso, que vai corroendo os corpos, entristecendo as vidas e nos deixando cada dia mais sozinhos.

1 Colônia Berro

A Colônia Berro é um estabelecimento que trabalha com adolescentes privados da liberdade, fica a poucos quilômetros da Capital, Montevídeu, e alberga uma cifra absurda de adolescentes, que vivem ali nas piores condições.

Para escrever sobre a Colônia Berro, recorremos a várias bibliotecas, e no entanto, nada, nenhuma informação foi encontrada. Entrei em contato com a biblioteca do Instituto Nacional Inau para buscar informações ali. No início, me informaram que tentariam encontrar algum material. Depois de alguns meses sem resposta, refiz o contato e fui informada que tentariam falar com alguém que poderia já ter feito alguma tese ou dissertação sobre o tema.

Passado um tempo sem resposta, mais uma vez insisti no contato, e responderam-me que, se queria informações sobre a Colônia Berro, teria que agendar uma visita, falar com as autoridades do local para que nos me dessem uma entrevista, mas me advertiram que estas pessoas tem agendas muito lotadas.

Esperiei então o contato, o tempo passou e nada foi informado. Por esse motivo, considerei pertinente escolher algumas fotos do lugar e apresentá-las aqui. Utilizei três fontes jornalísticas a saber, as edições online nos sites dos periódicos El Observador, Subrayado, Espectador, Voz y Vos e LR21 e , e o blog do diário El Corresponsal todos produzidos no Uruguai, para escolher as fotos, e algumas são de pessoas amigas que trabalharam na Colônia Berro.



Imagem 1

Em visita ao Uruguai em agosto de 2013, o representante da Organização Mundial contra a Tortura (OMCT), Eric Sottas, afirmou que “com exceção de que aqui não passam fome, as condições de reclusão de alguns lares da Colônia Berro são similares as que vi em países africanos”. fonte: <http://www.elobservador.com.uy/>



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

“O Conselho Diretivo da Instituição de Direitos Humanos elaborou quatro documentos relatando maus-tratos na Colônia Berro. Cada um desses relatórios foi apresentado aos quatro juízes juvenis, Aída Vera Barreto, Teresa Larrosa, Denby Allen e Gerardo Peduzzi. O membro do Conselho do Instituto de Direitos Humanos, Mirtha Guianze, disse ao El País que, em julho do ano passado, as famílias de crianças internadas na Colônia Berro denunciaram que "eles foram objeto de punição" por parte dos funcionários INAU.”
Notícia publicada <http://diarioelcorresponsal.blogia.com/>



Imagem 5



Imagem 6. Quartos



Imagem 7



Imagem 8. Quartos



Imagem 9



Imagem 10

O relator especial das Nações Unidas contra tortura, maus-tratos ou penas cruéis, inumanas ou degradantes, Juan Méndez, visitou a Colônia Berro em dezembro de 2013. Sobre a visita, Méndez concluiu em entrevista a *El Observador*, periódico que cobriu o fato: “Há condições inaceitáveis em alguns centros, incluindo superlotação crítica, encerramento prolongado e total ausência de atividades educativas ou trabalho técnico”.



Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13



Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16

“Um grupo de 14 pais de adolescentes que estão internados na Colônia Berro reclamam que seus filhos sofrem espancamentos e abuso psicológico. Os pais optaram por não avançar por medo de retaliação contra seus filhos. Eles contam que os filhos são obrigados a limpar o chão nus e jogam urina sobre eles.” Notícia publicada em <http://www.elobservador.com.uy/> 2013.



Imagem 17



Imagem 18



Imagem 19

“Perto da 0h30min de ontem, um adolescente conseguiu abrir a porta de seu quarto, alegando que seu banheiro estava com problemas. O adolescente ameaçou e dominou o oficial apropriando-se das chaves restantes, a fim de libertar o resto dos seus colegas adolescentes. Posteriormente, os fugitivos foram para o nível 2, onde conversou havia outros 13 jovens internos, a fim de induzi-los a juntar-se na fuga. De lá, conseguiram ganhar a rua, sem que, até o momento, seu paradeiro seja conhecido.” Notícia de fuga publicada <http://www.lr21.com.uy/> 2013



Imagem 20



Imagem 21

“Estevão tinha 17 anos e oito irmãos. Esteve em situação de rua, ali conheceu as drogas e era usuário de pasta base com álcool. Ingressou por vontade própria no Portal Amarelo mas não conseguiu se manter abstinente e voltou às ruas. Ingressou no INAU por furto pelo qual ainda não havia sido sentenciado. Sua maior preocupação, segundo as autoridades, era o irmão mais velho, que o acompanhou em momentos difíceis e também estava preso, em outro lar.” Notícia sobre a Colônia Berro publicada em <http://subrayado.com.uy/> 2013



Imagem 22



Imagem 23

“Cerca de 15 familiares de internos da Colônia Berro ocuparam o lugar na tarde de sábado depois de se negarem a sair depois do horário de visitas. Tras la negativa a retirarse al finalizar el horario de visitas. O grupo de familiares de internos do lar SER da Colônia Berro se negou a abandonar o local, foram detidos e levados à Seccional 16ª de Suárez. As autoridades do INAU tiveram que negociar.” Notícia publicada no <http://www.espectador.com/> 2013



Imagem 25

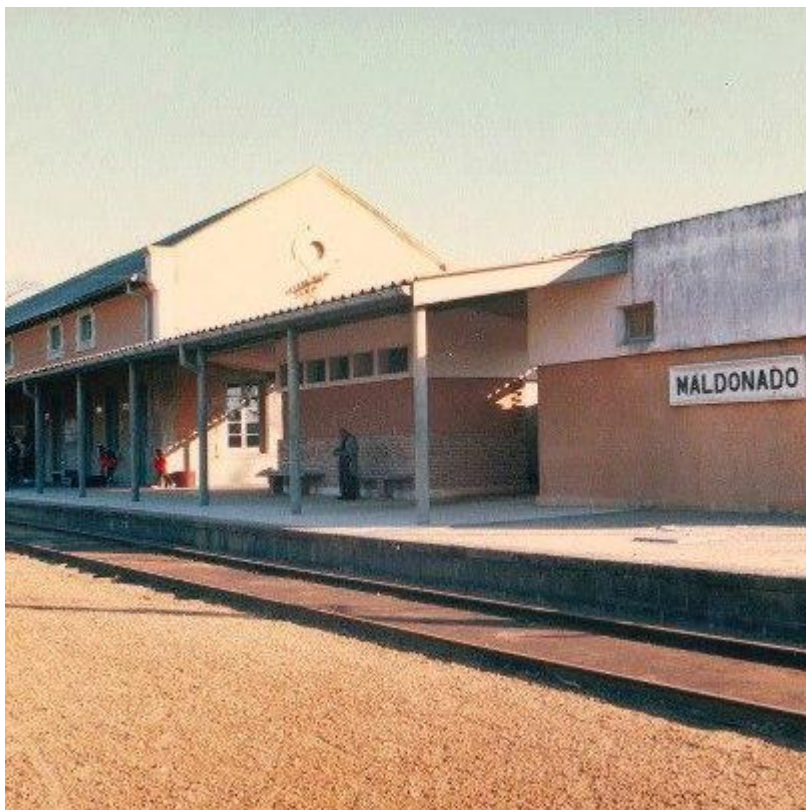


Imagem 26

“Um dos adolescentes entrevistados descreveu as condições no lar Ser (Colônia Berro) "É horrível. Saímos uma hora por dia ao pátio. A equipe nos trata mal. E se você faz algo errado, você é punido", disse ele. A Justiça investiga acusações criminais contra três funcionários da Colonia Berro por "uma situação comprovada" de abuso de adolescentes, como observado a partir da Instituição Nacional de Direitos Humanos. Sobre o uso de remédios, 30 dos 66 jovens internados em Ser recebem medicação prescrita por psiquiatras.” <http://www.vozyvos.org.uy/>

2 Centro *La Estación*

Esta foto é da velha estação de trem. O edifício foi reestruturado para que ali funcionasse o Centro de Referências de medidas sócio educativas de Maldonado.



Inaugurado em 17 de abril de 2008, o centro *La Estación* surge a partir de um acordo multiinstitucional que envolveu o INAU, a Intendência Municipal de Maldonado, o Poder Judiciário, o Ministério do Interior e Saúde Pública. Ali, havia uma equipe formada por dois psicólogos, quatro educadores, um advogado, uma professora, duas funcionárias administrativas e dois vigias.

Além de aplicar medidas não-privativas da liberdade, o centro tinha ainda dois serviços, aulas comunitárias cujo objetivo era a reinserção no sistema educativo dos jovens que haviam abandonado o sistema escolar, e também desenvolvia uma proposta de inserção laboral, impulsionado pela Intendência de Maldonado, Uruguai.

Alejandra chegou em *La Estacion* para cumprir medidas socioeducativas. Uma amiga e ela haviam roubado frutas e algum dinheiro em um sacolão do lugar. Na realidade,

a história era um pouco mais complexa pois, elas tinham estado na cama com o guarda da segurança do local e, na hora de ir embora, pegaram essas coisas.

No entanto, a situação foi apagada e as meninas foram parar no centro *La Estacion*. Maldonado é um lugar, falo da época em que trabalhei ali, onde havia muita prostituição infantil e policiais estavam envolvidos.

Alejandra chegara com uma medida de três meses para ser reavaliada *a posteriori*. A equipe do Centro trabalhava junto com os juízes, sugerindo alternativas na medida do possível. A ideia era buscar formas de trabalho para serem cumpridas com os adolescentes, dependendo do interesse deles. Inicialmente foi difícil este dialogo, mas pouco a pouco fomos ganhando lugar nas audiências, pelo menos fomos ouvidos.

Alejandra não chegou a concluir as medidas em *La Estacion* porque foi transferida para a Colônia Berro, o centro de reclusão de adolescentes em conflito com a lei localizado nas proximidades da Capital, Montevídeu. Supostamente, estaria envolvida num caso de homicídio, que havia ocorrido já fazia algum tempo.

Frente à decisão judicial pela medida de privação de liberdade, fomos buscar alternativas e formalizamos solicitação para que ela fosse internada em um lugar para meninas; nosso intento foi em vão. Acreditávamos que ir para um lar de meninas seria o menos pior, com isso não estou afirmando ser a prisão a solução para os problemas sociais que vivemos.

“A sociedade se defende construindo prisões e constatando que elas não dão certo. Faz reformas na arquitetura e na lei para internar novamente: negros, nordestinos, bichas, pequenos ladrões, jovens, religiosos, ateus, manos, desempregados, larápios, halterofilistas, operários, um-sete-uns, manicures, pobres, punks, putas, loucos, bêbados, homens e mulheres quase normais, enredados em infrações e armadilhas policiais e jurídicas. Estar dentro ou fora é quase um acidente...” (Verbetes, Estamos todos presos, nu-sol/ 2000)

Esta marca recaiu sobre o corpo de Alejandra, que entendia muito pouco do que estava se passando com ela. Institucionalizada, enlouqueceu, entrou em surto, falava de maneira desconexa.

Levaram-na para a Colônia Berro vestida com uma camiseta de um time de futebol. Cortaram-lhe os cabelos e lá ela ingressou como um menino, de cabelos curtos. Se tal prática não é tortura, me pergunto então que bestialidade seria?

As autoridades do Inau conheciam muito bem esses dispositivos de tortura. Muitos deles eram ex-militantes políticos, haviam sido presos e torturados. Na minha opinião, surge então uma esquerda enrijecida, que ingressa nos labirintos do Estado para ocupar nichos de poder, reproduzindo determinadas práticas de violência. Uma disciplinarização do corpo por meio de técnicas cristãs, o cumprimento da lei em nome de uma sociedade que se diz justa. Essa certamente foi uma bomba de efeito moral só que, desta vez, lançada pelos "companheiros".

Alejandra ingressa nas celas da violência e, atrás das grades, marcas, que servirão como resistência; nem homem, nem mulher. Sofrimento da privação da liberdade, violentação do corpo frente a uma escolha clara. A ela, o Estado impôs sua violência institucional, mortal.

A loucura é um navio, um corpo transmutado em navio assim, não é nem homem, nem mulher. Devir navio, todo movimento. As tecnologias de sexo e de gênero integram uma biopolítica e geram a heteronormatividade do corpo heterossexual e branco. Uma menina com essas características confunde um grupo de cordeiros de Deus, no mínimo. Ali, nada se move. Pelos métodos tradicionais já conhecidos, machos com machos, e aquilo que definiria um macho, pontualmente nesse caso e por meio dessa leitura específica da realidade, nada mais seria do que o pênis.

Para Beatriz Preciado (2012), *“esta es la tecnología de producción de los cuerpos heterossexuales que la mano masturbadora ha puesto en peligro y que habrá de ser disciplinada por un conjunto igualmente importante de tecnologías de represión”* (p 42).

5 Esta é a tecnologia de produção dos corpos heterossexuais que a mão masturbatoria colocou em perigo e que terá que ser disciplinada por um conjunto igualmente importante de tecnologias de repressão.

Estação III. Linhas

Rostos e Rastros.

“Comecei a pensar: “Sim, sou chicana, mas isso não define quem eu sou. Sim, sou mulher, mas isso também não me define. Sim, sou lésbica, mas isso não define tudo que sou. Sim, venho da classe proletária, mas não sou mais da classe proletária. Sim, venho de uma mestiçagem, mas quais são as partes dessa mestiçagem que se tornam privilegiadas? Só a parte espanhola, não a indígena ou negra.” Comecei a pensar em termos de consciência mestiça. O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias diferentes? O que é que isso faz com nossos conceitos de nacionalismo, de raça, de etnia, e mesmo de gênero? Eu estava tentando articular e criar uma teoria de existência nas fronteiras...” (Anzaldúa, 2000, p 89)

Para falarmos do conceito de rostidade ou “*visagéité*”, segundo Gilles Deleuze, é necessário antes abordar a noção de máquina abstrata, uma vez que é à partir dela que emerge o rosto. Uma máquina abstrata de rostidade produz o rosto. Rosto é superfície cutânea, um mapa de rasgos, linhas e rugas, uma carta náutica.

Tal máquina abstrata atua em agenciamentos concretos, sempre singulares e imanentes, e é abstrata no sentido de que ignora formas e substâncias. Pode ser considerada um platô, de variação contínua e que arranja jogos variáveis ou seja, abre os agenciamentos a múltiplas conexões.

Mas também existem máquinas abstratas que os fecham. Uma máquina abstrata de escravatura, por exemplo, que sobrecodifica a terra ou o corpo, sobrecodificadora por uma máquina abstrata de rostidade. Instrumento de captura da intensidade do corpo,

inicialmente primitivo e instintivo para ser em seguida despojado e capturado pelo rosto, feito imagem.

O rosto integra um sistema superfície-brechas, uma superfície que não tem a ver com cavidade, senão com um mapa que decodifica e sobrecodifica os corpos passando a ser seu primeiro plano e não um modelo-imagem além do ideal.

Parede branca repleta de buracos negros. O rosto constrói uma parede para que o significante redunde no Mesmo e sulca fendas aglutinantes e coagulantes para que assim, a subjetividade possa se manifestar.

Apartado de sua potência atávica, o corpo rapidamente é convertido em rostidade, em máquina que controla e identifica - existe uma predominância do rosto em detrimento do corpo. Definitivamente, o corpo relaciona-se com velocidades diferenciais. Por sua vez, o rosto breca tais velocidades por meio da sua parede branca, as desacelera em seus buracos negros. O rosto para, torna lento, captura e inviabiliza tudo aquilo que pode um corpo.

Fragmentado, cabeça sem corpo, Che Guevara, por exemplo, foi ao longo do tempo sendo infinitamente replicado em série, em blusas, bandeiras, *posters*, e em sua máxima desterritorialização; tornado tatuagem num outro corpo. O rosto se apoderou dele para pulverizá-lo, usurpou sua potência e depois o transformou em rosto para a *rostrificação* de outros.

Por outro lado, o subcomandante Marcos em seu capuz que, oculta-o e permite-lhe manter a cabeça aderida ao corpo. E de fato, para o Estado mexicano isso se torna efetivamente um problema, uma vez que invisibiliza o movimento zapatista, impedindo a captura dessa potência coletiva e mantendo-a oculta na selva. Tampouco conseguiram seduzi-los com promessas de participação no poder. Os zapatistas mantêm suas cabeças aderidas ao corpo e assim, protegem suas potências e mantêm seus devires.

A máquina abstrata não se efetiva apenas na superfície do rosto, que produz também, em partes, o corpo, incluindo roupas e demais objetos. É importante se esclarecer para compreender o alcance e a abrangência que o conceito de rostidade ou *visagéité*

adquire, nesse contexto. Tal máquina se relaciona à individuação do poder. Ela atua individualizando, dominando, identificando e subjugando.

Definitivamente, trata-se de um complexo instrumento esquartejador, destinado a separar o corpo, a aliená-lo, aniquilando-o, usurpando sua potência original, a potência de agir, a potência de vida.

O rosto de *per si* não é individual nem universal, a individuação é o resultado da necessidade de que se configure um rosto e que ele exista, enquanto tal, como imagem. Mas, antes de mais nada, o que conta não é a individuação do rosto, senão a eficácia, o poder do rosto em nos individualizar. Por esse motivo Deleuze e Guattari (1995) afirmam que não se trata de uma questão de ideologia, senão da economia e da organização do poder. Determinados agenciamentos de poder operam com a necessidade de produzir rostos.

A máquina abstrata opera duas funções - a binarização e a seleção. Na primeira, o papel é de exclusão, o que inclui os elementos que poderão se encaixar em duas coordenadas, exemplo, homem ou mulher, rico ou pobre, adulto ou criança. Na segunda, opta por sim ou por não. A máquina, então, julgará se determinado rosto passa ou não, se é adequado ou não mediante os padrões vigentes.

Estamos frente a uma verdadeira disciplina dos corpos. O rosto é uma política que, como tal, produz uma determinada subjetividade e um regime de significâncias; o rosto não supõe um significante, tampouco um sujeito prévio. Frente a um agenciamento concreto do poder despótico e autoritário emerge a máquina abstrata de rostidade. Imperialismo que tem a intenção de esmagar todas as demais semióticas e imprimir a sua própria ordem ditatorial nos corpos.

Nesse contexto, o rosto configura-se como uma política assim, a tarefa é então fazer uma política que desmanche os rostos, uma política que incite e provoque devires. Então, “Desfazer o rosto”, significa liberar os traços, as linhas da rostidade para que elas possam enfim combinar-se com outros traços, com linhas em um plano de uma criação. Dessa forma, emergirá uma nova oportunidade para o que o homem, antes cativo de sua rostidade,

possa libertar-se para finalmente entregar-se a infinitas e novas combinações com outras forças.

Acreditamos que a invisibilidade seja uma dessas infinitas possibilidades potencialmente inventivas da mesma maneira que a clandestinidade, enquanto políticas de existência. Mantendo-nos com os corpos conectados, atentos, libertos e invisíveis frente ao frenesi da captura que o Estado, enquanto aparelho, exerce sobre nós.

Alejandra, adolescente em conflito com a lei, travesti e pobre, como não seria presa e privada da liberdade? Como não se exigiria dela que se comportasse como um menino?

A máquina trituradora começou a funcionar sobre seu ser, moendo-lhe o corpo, esmigalhando as roupas, fragmentando-lhe a estética e finalmente, pulverizando sua existência. Frente ao diverso, ao diferente, nada mais restou além de cerceá-la e encarcerá-la, disparando sobre ela uma metralhadora giratória de pedras aniquilantes.

Somos todos etiquetados, classificados, rotulados enfim, e construímos um delírio poderoso que sustenta uma engrenagem infernal, de reprodução e serialização das pessoas.

Mas, se existem labirintos sem saída, as linhas de saída e as luzes seguem cintilando, às vezes persistem como vagalumes em nós, convivendo em nós como forças inventivas que nos permitem vazar pelas frestas, escoar pelos orifícios; devir outros. Movimento que o clandestino realiza, facilmente, pelo simples fato de não estar frente ao olhar ameaçador do Estado. Verdadeiramente, acreditamos que é importante criar para si um território de existência potável, nomadizar o espaço, criando uma existência menos opressiva.

Política da existência

"Nós sonhamos com outras coisas, mais clandestinas e mais alegres. Não faremos mais concessão alguma, já que precisamos menos delas. E sempre encontraremos aliados que queiramos ou que nos queiram." (Conversações, Deleuze, 1972-1990)

Estamos viciados de visibilidade, ela se tornou a norma, a regra, a pele da coisa e sua superfície, seu contorno e nos tornamos doentes de eus, de organismos. Desvencilhem-nos das coisas, dos patriarcados e dos dominadores. Sobre as máquinas que nos geram e que nos constituem, tracemos linhas de fuga potentes.

Somos subversivos, vândalos, travestis, párias e ao mesmo tempo, também somos *queer*. Definitivamente, somos os que fogem, aqueles que colocam a máquina centrifugadora capitalista e déspota a girar para nos capturar. Saibamos fugir uma, mil vezes, todas as vezes que sejam necessárias pois, acreditamos em outros modos de existência, em um povo por vir.

Remetendo-nos a Michel Foucault, poderíamos pensar nessas formas de existência como maneiras de resistir ao poder, compreendendo que as duas coisas – poder e resistência -, sempre vão juntas. O poder estabelece uma relação de forças intrínsecas que a resistência trata de fragmentar, introduzindo formas de existência alternativas, mais inventivas e que poderiam fazer da vida uma autêntica obra de arte. *“O retorno a si mesmo é um tema recorrente em nossa cultura, que constantemente tenta reconstruir uma ética e estética do si mesmo.”* (Foucault, 1994)

Considerada dessa forma, a resistência em si reside na invenção de novas possibilidades de vida, na constituição de modos de existência que permitam tornar a vida uma autêntica obra de arte uma vez que a tarefa fundamental do nosso tempo consiste em realizar aquele tipo de ação que tem por finalidade produzir um novo tipo de subjetividade.

E que, como tal, nos permita liberarmo-nos da autoridade déspota do Estado bem como do tipo de individualização ligado a ele, por meio do qual “*devemos promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que nos foi imposta por séculos.*” (Foucault, 1991, p 69).

O autor propõe então uma estética da existência, uma arte de viver que não produza exercícios espirituais da antiguidade mas, que potencialize no sujeito a possibilidade de constituir-se a si próprio na liberdade, em oposição aos poderes exteriores. A arte da existência se encontra dominada pelo princípio do “cuidar de si mesmo”. Trata-se do princípio da inquietude que reside no si mesmo, em cada um, e que “*inaugura sua própria necessidade, governa o seu desenvolvimento e organiza sua prática.*” (Foucault, 2001, p 42)

Ocupar-se de si mesmo (*heautou epimeleisthai*) é um tema muito antigo na cultura grega que, assim que surgiu, tornou-se um imperativo altamente difundido. Segundo Foucault, o tema da inquietude é consagrado por Sócrates, a epimeleia é; “*o princípio filosófico que prevalece no mundo grego, helenístico e do pensamento romano. Sócrates personifica esta maneira de filosofar quando pergunta às pessoas e jovens na rua, no ginásio e diz-lhes: você cuida de si mesmo?*” (Foucault, 1994, p 33, 34).

Este tema vai além de seu marco de origem, separando-se das significações filosóficas iniciais e se torna uma prática social ordenada sobre um verdadeiro “cultivo de si”. Na epimeleia, Foucault distingue três momentos:

- 1) O momento socrático-platônico que representa o surgimento da noção de epimeleia na filosofia;
- 2) A idade de ouro do cuidado de si mesmo ou ainda a chamada cultura de si mesmo (séculos I e II); e
- 3) A passagem da ascese filosófica pagã ao ascetismo cristão (séculos IV e V).

No primeiro momento, o ocupar-se de si mesmo equivale à afirmação de uma existência ligada a um privilégio político. No diálogo platônico, Sócrates exorta Alcebíades para que aceda ao governo de si mesmo. Nesse momento, Alcebíades estava a ponto de iniciar sua vida pública e política. Desejava falar diante do povo e ser o todo-poderoso na cidade. Então, Sócrates questiona sua capacidade pessoal e também a natureza da ambição que o move. Fica claro então que Alcebíades nada sabe de leis, justiça ou concórdia. Entretanto, para Sócrates não é demasiado tarde para ajudá-lo a sobressair-se – a adquirir *techné*. No entanto, cabe a Alcebíades propor-se a tal tarefa; cabe então preocupar-se consigo mesmo.

A necessidade de ocupar-se de si mesmo está ligada ao poder. Alcebíades demonstra fraqueza ao submeter-se aos desejos e prazeres sendo que deveria ocupar-se primeiro de si mesmo para poder governar a cidade. Deve-se ocupar-se de si aquele que deseja converter-se em alguém capaz de governar os demais e reger a cidade. Assim, ocupar-se de si mesmo se relaciona ao exercício do poder porque é algo que se exige e deduz-se da vontade de alguém de exercer um poder político sobre os outros. Visto que,

[...] não se pode governar os demais, não se pode transformar os privilégios em uma ação política em uma ação racional sobre os outros, se aquele que deseja governar não se ocupou de si mesmo. A preocupação de si mesmo se situa entre o privilégio e a ação política; tal é o ponto crucial onde surge a própria categoria de epimeleia. (Foucault, 1994, p 42).

Nessa discussão sobre Alcebíades de Platão, Foucault extrai três temas principais. Em primeiro lugar, a relação entre a preocupação de si e a preocupação pela vida política; em segundo lugar, a relação entre o preocupar-se consigo e a educação. Por último está a relação entre o preocupar-se consigo mesmo e conhecer-se a si mesmo. Eis os três temas platônicos no período helenístico e, quatro ou cinco séculos mais tarde, também em Sêneca, Plutarco, Epíteto e seus asseclas.

Embora os problemas sigam sendo os mesmos, as soluções são bastante diferentes; em alguns casos, opostas ao sentido platônico. “Assim, nos períodos helenístico e romano,

o preocupar-se consigo mesmo não é exclusivamente uma preocupação para a vida política.” (Foucault, 1991, p 66, 67).

Uma nova forma de experiência se localiza nos séculos I e II, mais conhecida como a idade do ouro do cuidado de si mesmo ou ainda da cultura de si mesmo, momento em que a introspecção se torna cada vez mais esmiuçada, mais detalhada. Aí, já ocorreu uma dissociação livre entre o cuidado de si e o cuidado dos outros.

O “si mesmo” torna-se o objeto único e definitivo da preocupação consigo mesmo, torna-se uma atividade centrada unicamente em si mesmo e que só encontra razão de ser em si mesmo, na própria atividade que se exerce sobre si mesmo, no cuidado consigo.

No período helenístico, o cuidado de si não é uma preocupação unicamente para a política mas se tornara uma preocupação geral. O cuidado de si devia realizar-se ao longo da vida e quanto mais cedo começasse, muito melhor seria. O cuidado de si se destina à alma mas, envolve o corpo em uma infinidade de detalhes. Sêneca recomendara então o retiro no campo, a pacata vida rural já que a natureza proporcionaria um contato propício consigo mesmo.

Aqui não se trata de preparar-se para a política ao contrário, recomenda-se retirar-se da política para dedicar-se ao cuidado de si mesmo. Tampouco trata-se de uma preocupação restrita aos jovens uma vez que se torna uma arte de viver para todos e ao longo da vida porque o cuidado de si é uma maneira de preparar-se para uma determinada realização completa da vida. A preocupação de si torna-se então uma maneira de viver para todos, para toda a vida e passa a ser obrigatória não somente para as pessoas jovens interessadas na sua própria educação. Ainda que o conhecimento de si desempenhe um importante papel na preocupação de si, ele também implica outras relações.

No cristianismo primitivo, o cuidado de si compreendido no sentido socrático está ausente uma vez que se deve renunciar a si mesmo para alcançar a salvação. Foucault destaca que no lento desenvolvimento da arte de viver sob o signo da inquietude de si:

“Os dois primeiros séculos do período imperial podem ser considerados como o ponto mais alto de uma curva; uma espécie de idade de ouro do cultivo de si,

compreendendo-se que este fenômeno compete somente aos grupos sociais, muito limitados em número, portadores de cultura para os quais uma techné tou biou poderia ter algum sentido ou ser uma realidade.” (Foucault, 2001, p 44).

Nos períodos helenísticos e romanos, a preocupação de si não é exclusivamente uma preparação para a vida política. A preocupação de si se tornou um princípio universal, *“deve-se abandonar a política para poder ocupar-se melhor de si mesmo.”* (Foucault, 1991, p 67)

Com os estóicos, o cuidado de si convertera-se em um fim em si mesmo. O si mesmo torna-se então o objetivo do cuidado de si mesmo, justifica-se de per si, é uma atividade centrada em si mesmo na qual a filosofia paira como uma forma de espiritualidade em que predomina a cultura de si mesmo. Entre eles, o conhecimento da natureza era necessário para o cuidado de si mesmo uma vez que só seria possível conhecer-se a si mesmo como se deve, formando-se um ponto de vista sobre a natureza e situando-se em um mundo racional e tranquilizador.

Relacionando-os à Platão, os movimentos filosóficos ligados ao estoicismo que surgiram no período imperial concebiam a verdade e a memória de maneiras diferentes. Além disso, possuíam outro modo para se examinarem a si mesmos. *“O diálogo desapareceria para fazer emergir a cultura do silêncio e a arte da escuta, que adquiririam mais relevância, naquele momento”* (Foucault, 1991, p 68).

O autor nos fala de quatro técnicas estóicas do eu. As cartas aos amigos e a revelação do eu constituem a primeira. O exame de si e a consciência, a segunda. A ascese é uma terceira técnica mas não como sendo uma revelação do segredo do eu mas, como uma lembrança; para os estóicos, a verdade não reside em si mesmo, como ocorre no pensamento platônico mas, nos ensinamentos dos professores, dos *logoi*.

Memoriza-se aquilo que se escutou para transformar as afirmações ouvidas em regras de conduta. Assim, o estoicismo de si mesmo se torna o único e definitivo objetivo da preocupação consigo mesmo. A preocupação por si torna-se então uma atividade que se

exerce sobre si mesmo; “há uma preocupação de si para si mesmo e é nessa preocupação consigo que tal cuidado encontra sua própria recompensa.”(Foucault, 1994, p 68).

Para ele, a reflexão moral da antiguidade em relação aos prazeres não se dirigia à codificação dos atos, tampouco à uma hermenêutica do sujeito mas, em direção à uma estilização da existência.

Essa estilização da existência atua em um campo de exigências abertas que não obedece a restrições codificadas ou sistematizadas. Nem os médicos e nem os moralistas podem afirmar o que se deve fazer ou não na esfera dos atos e das práticas sexuais uma vez que a temperança sexual é um exercício de liberdade que cobra a forma do domínio de si, que se manifesta na relação consigo mesmo, com os demais e com o mundo. Eis a atitude suscetível aos juízes de valor, que também funcionariam como valores éticos e estéticos. O “cuidado de si” é uma prática permanente para a vida toda que tende a assegurar o contínuo exercício da liberdade que, justamente, vem a ser a finalidade última dessa prática. O autor atenta para o fato de que a ética não é o cuidado de si; no entanto, na antiguidade, a ética, enquanto prática reflexiva da liberdade giraria em torno da máxima “cuida de ti mesmo”.

Pode-se afirmar então que a resistência como estética da existência torna-se uma possibilidade de se fazer da liberdade uma questão do âmbito da prática e não simplesmente uma questão formal ou seja, uma liberdade não dos atos, das intenções ou do desejo mas, tão somente uma liberdade de se escolher uma maneira de ser e estar no mundo.

A resistência é criativa, é uma prática produtiva que rechaça os modos normatizados de vida, é um impulso revolucionário visto que é chama e força criativa vital motriz situada exclusivamente no campo do *ethos* e não carece buscar seu fundamento na religião ou ainda vinculá-la a um sistema legal qualquer ou a um conhecimento científico - é tão somente uma força. Segue sendo uma possibilidade de criarmos constantemente, de transformarmos, de modificarmos, de lutarmos no campo do poder político que busca nos controlar, classificar e normatizar, uma vez que cria novas maneiras de existir por meio da recusa ao tipo de individualidade que vem nos sendo imposta há séculos. Mas, não se trata de uma

criação vazia, de transitar por um campo no vácuo. Estamos falando de viver a criação como prática permanente, de vivenciar a experimentação.

É por meio da resistência fragmentadora do poder que introduzimos modos de existência diversos, que tornam a vida uma obra de arte, no dizer de Foucault. E é precisamente a vida, tanto ética quanto esteticamente, a afetada. Tal movimento, por sua vez, gera um espaço de afeição e de percepção inédito e ímpar, ao dizer não ao tipo de individualidade que nos é imposta. Nesse sentido, afirmar que o sujeito não deve ser uma substância significa que o poder funciona como identidade assim, é contra essa identidade imposta que devemos lutar, mediante o irromper da diferença.

No campo social, luta-se contra a identidade imposta, contra o sujeito e também contra os procedimentos de assujeitamento. São combates cotidianos, imediatos, que não se relacionam especificamente a um país, a uma determinada classe social tampouco a um dito partido. Assim como o poder e a criatividade, a resistência circula entre nós e está em processo de produção constante.

Considerações finais.

"Querido, tenho a certeza de que estou enlouquecendo de novo. De modo que estou fazendo o que me parece melhor. Não consigo mais lutar. Sei que estou estragando a sua vida e que sem mim você poderá trabalhar..." E termina: "Não creio que duas pessoas tenham sido mais felizes do que nós fomos." Carta de Virginia para Leonardo.

Nesta dissertação optamos por abordar dois momentos históricos, dois momentos do Estado para finalmente concluir com um terceiro que é a guerra. Para isso, escolhemos o texto último de Virginia Woolf, *Entre os Atos*.

Entre os Atos é uma obra póstuma, foi publicada pelo marido de Virginia, Leonard Woolf, quatro meses após a escritora inglesa ter se suicidado, dia 28 de março de 1941. Nele, está presente a grande marca da literatura da autora; há uma simultaneidade de eventos que criam um novo tempo narrativo. O livro atravessa diferentes tempos; em um momento está no período elisabetano em outro, no vitoriano e também está no tempo presente. Trata-se de uma narrativa que percorre diferentes momentos, que navega em meio a cenas simples, fazendo delas um fio condutor.

A obra foi escrita em tempos de guerra, foi uma escrita que se deu como forma de descanso, nos intervalos da árdua e opressora entrega da autora à elaboração da biografia do amigo Roger Fry, iniciada em 1938.

Composta para ser encenada simultaneamente pelos atores e pela plateia que, por sua vez, no momento em que é colocada em cena, duvida e vacila ao considerar sua participação no espetáculo. Em um segundo plano ou entre imagens, pulsam outras imagens e diferentes elementos como sons e odores que tinham por objetivo evidenciar o horror da guerra, o medo e o pânico.

Leitura imagem, tempos que se deslocam, que desvanecem, quase que como a vida entre a morte. Alguns certamente afirmarão que esse romance já traria nas entrelinhas o anúncio do desfecho: o suicídio. A partir de um outro ponto de vista, acreditamos que, pelo

contrário, não houve insinuações: o suicídio de Virginia Woolf foi um ato de absoluta consciência. Sua carta foi lúcida e muito clara.

Acreditamos que eleger a morte e de que forma se vai morrer também pode se constituir num ato de liberdade. Sabemos que a autora sofria de crises nervosas e de depressão, e não pretendemos fazer aqui uma elegia ao suicídio. No entanto, *Entre os Atos* se apresenta como um momento de total lucidez.

A opressão nos direciona a diferentes caminhos; pode nos enlouquecer, nos fazer mais potentes, pode nos aniquilar, nos matar, pode também nos desterrar porém, diante de tantas possibilidades, percebemos que, se conseguimos nos invisibilizar frente ao Estado opressor, tornamo-nos clandestinos, ganhamos agilidade e rapidez, viramos gazelas inalcançáveis, inatingíveis e incapturáveis pelos fluxos trituradores de um capitalismo selvagem. Acreditamos que no “entre” viceja a potência, é ali, onde a vida não cessa de pulsar. Momentaneamente, o *Entre* se assemelha a uma imagem da invisibilidade mas, ele pode ser o criativo, o devir.

No atual momento sócio histórico, experimentamos a sensação de estarmos sobre areia movediça - não há terra firme onde pisar -, e é nesse imprevisto que devemos experimentar navegar. Nos permitirmos sair da vida organizada, do tempo cronológico e hostil que nos exige, a cada momento, um determinado comportamento. Vamos fugir, esquivar-nos, vamos escapar em corpos navios; percamos as rédeas e saiamos dos trilhos. Inauguremos acontecimentos. Vivamos a vida como se fosse uma obra de arte, no dizer de Michel Foucault.

Como Virgínia, que escreve este livro no *entre atos*, em meio à tediosa tarefa, segundo ela mesma, de escrever a biografia de Roger Fry. Ela escreve este livro entre uma vida cheia de criatividade e o que será, naquele momento, a sua morte. Entre a saúde e a doença, entre sua casa e o rio que a levará ao fundo e a devolverá, já sem vida.

Virginia Wolff é um claro exemplo de uma vida vivida no *Entre*; de uma mulher que viveu para sua época, de forma diferente, ousada e corajosa. Fumava, amava, pirava, brigava, transava. Sensibilizada e mobilizada pelo momento que vivia, pela guerra,

engajou-se na política, enfrentando seu próprio medo e a condição de submissão das mulheres da época.

Na manhã em que saiu para morrer, foi vista pela última vez por John Hubbard, empregado de uma fazenda local. Hubbard contou que era por volta das 11h30 da manhã quando Virginia, vestida em sobretudo e de bengala, passou por ele em direção ao rio. A partir deste fato, da presença de Hubbard, uma pessoa de vida simples e tranquila, constrói-se outra dimensão; ele se transforma a partir daí em parte da vida de Virginia Wolff. Ele a viu, pela última vez, com vida.

O acontecimento inaugura um devir, há uma espécie de magia porque ele nunca mais será o mesmo, depois disso. Citado nas biografias da autora e procurado para falar sobre esse acontecimento, Hubbard se torna quase como um amante uma vez que ele viveu entre a vida e a morte de Virginia Woolf. Em algumas versões contadas do fato, a bengala cai e ela, Virginia, se faz visível para ele, por um momento. Como se houvesse um titubeio, um vacilo entre a vida e a morte, que inaugura um acontecimento na vida daquele trabalhador.

Nas obras da escritora, podemos sentir a potência de sua própria vida. Ela escreveu no entre-guerras e durante as guerras, superando o próprio medo e a possibilidade real e iminente de uma invasão, Virginia Wolff inaugurou várias linhas de fuga, de criatividade. Apesar de sua angústia e da tristeza, escreveu, esquivou-se do tempo, introduziu outros cenários, ritmos diferentes, enlouqueceu e produziu.

A criatividade com que encaramos a vida nos permite driblar os momentos de opressão. Nada disso nos é ensinado na escola, aliás somos educados para sermos tristes e reproduzirmos padrões de existência que nos tornam cada dia mais dominados. Desalinhar faz parte de uma política da existência, de uma forma de viver possível, muito mais potente, muito mais feliz, menos opressora e mais alegre.

Referências Bibliográficas

Autores Anonimos. Gol de pueblo Uruguayo. Crece desde el pie. Tomo 2 Montevideo, Ed Mastergraf, 2012.

Alcantara, Clarissa. Corpoalingua: Performance e esquizoanálise. Curitiba: Ed CRV, 2011.

Anzaldúa, Glória. Borderlands/La Frontera: The new mestiza. San Francisco. Ed Aust Lute Books, 1987.

Coimbra, Cecilia. As marcas indeléveis da tortura. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. N 358. 2011.

Deleuze, G. Dos regímenes de locos. Textos e entrevistas. Valencia, Ed Pre textos, 1975-1995

Deleuze, Gilles e Parnet, Claire. Diálogos. São Paulo, Ed Escuta , 1998.

Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. El Antiedipo. Argentina, Ed. Paidós, 1986.

----- Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 1. Argentina, Ed. Paidós, 1995.

----- Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 2. Barcelona, Ed Paidós, 1986.

Galeano, Eduardo. El libro de los abrazos, Montevideo, Ed. América Latina, 1994.

Foucault, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo, Ed Martins Fontes, 2002

----- Ditos e Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro, Ed, Forense Universitario, 1999.

----- Ditos e Escritos V. Ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: Motta, M.B. da (org). Michel Foucault. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro, Ed Forense Universitária, 2004.

----- Hermenéutica del sujeto. Madrid, Ed La Piqueta, 1994

----- Historia de la sexualidade I: La voluntad de saber, Mexico, Ed Siglo XXI, 2000.

----- Historia da sexualidade III: O cuidado de si, Rio de Janeiro, Ed Grahal, 1985.

----- Microfísica do Poder, Rio de Janeiro, Ed Grahal, 1984.

----- Nascimento da biopolítica, São Paulo, Ed Martins Fontes, 2008

----- Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982). Rio de Janeiro, Ed Jorge Zahar, 1997

----- Tecnologías del yo y otros textos afines. Barcelona. Ed Paidós Ibérica, 1991

Guattari, F. Caosmose, São Paulo, Ed 34, 1992

Guattari, F. “Trois milliards de pervers”. Recherches, n. 12, p. 2-3, 1973

Lourau, Rene. Análise institucional e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro, UERJ, 1993.

Preciado, B. Manifiesto Contra-sexual, Barcelona, Ed Anagrama, 2002

----- Texto Yonqui, Madrid, Ed: Espasa Calpe, 2008.

Nascimento, Maria Livia. Pacificação da vida: a lógica proteção-negligência, Tese de titular UFF, 2012.

Woolf, Virginia. Os diários de Virginia Woolf, São Paulo, Anne Oliver Bell. Trad. José Antonio Arantes. Ed Companhia das Letras, 1989

----- Entre os Atos, São Paulo. Ed Novo Século Editora, 2008

<http://www.nu-sol.org/flecheira/pdf/flecheira234.pdf> Flecheira n. 234, 7 de janeiro de 2012.

* * *

Tradução livre

(a)

Pendurado de um penhasco
Dorme meu povo branco
sob um céu que, por força
de não ver nunca o mar,
Se esqueceu de chorar.
Pelas suas ruas de pó e pedra
não aconteceu nada, nem passou a guerra.
Só o esquecimento ...

Elas sonham com ele,
e ele com ir vem longe
de seu povo. E os velhos
sonham morrer em paz,
e morrer por morrer,
querem morrer ao sol.

A boca aberta ao calor como lagartos.
Meio escondidos atrás de um chapéu de palha,
onde não cresce uma flor
nem pasa um pastor.

(b)

Defender a alegria como uma trincheira
Defende-la do escândalo e da rotina
da miséria e dos miseráveis
das ausências transitórias
e definitivas ...

(c)

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns em deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.
Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:
Que não são embora sejam.
Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.
Que não fazem arte, fazem artesanato.
Que não são seres humanos, são recursos humanos.
Que não tem cultura, têm folclore.
Que não têm cara, têm braços.
Que não têm nome, têm número.
Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.
Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.”

(d)

Ent: Vocês estavam clandestinos em Canelones?

Chela: Não, não. Estávamos em Montevideú, morando em diferentes casas. Em setembro de 1975 chega uma companheira de Toledo, que era a mãe de José Estevez e me fala: Chela, vai embora hoje porque levaram a José e Cicerón, e vão voltar atrás de vocês. Peguei rapidamente umas coisinhas para Silvia e fui para a casa da minha mãe em Montevideú. Essa noite vieram por mim, quando cheguei na casa de minha mãe, percebi que não tinha nenhum documento. No outro dia voltei até lá, para pegar algumas roupas para Silvia e os documentos. Entrei pelos fundos, pela casa de um vizinho e encontrei tudo quebrado, tudo, tudo, tudo, desde as janelas, até o armário. No armário, Anibal tinha feito um forro e aí estavam os documentos que não encontraram. Trouxe os documentos. Quando sai pelos fundos e cheguei no ponto do ônibus, vi que passaram dois camburões, nesse momento o ônibus passou e fui embora. Tempos depois, fiquei sabendo o que aconteceu.”

(e)

"Você pergunta porque cantamos

Cantamos para a criança ... e porque todos

E para algum futuro para o povo

cantamos porque os sobreviventes

e nossos mortos querem que cantemos

cantamos porque o grito não basta

e não há lágrimas ou raiva suficientes
cantamos porque acreditamos nas pessoas
e porque venceremos a derrota
cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque neste tronco, naquela fruta
cada pergunta tem a sua resposta
cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes da vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a musica se torne cinzas.